JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 25 A 31 DE JULHO DE 1977 – ANO III – N.o 109 – Cr$ 2,00



FALA O PREFEITO:

QUE FIM TERÃO AS AVENIDAS?
O QUE FAZER COM AS FAVELAS?
COMO PAGAR AS DÍVIDAS?
COMO VAI A CIDADE?

PÁG. 8 e 9

UMA MULHER
FOI MORTA NA PRAÇA.
MAS HÁ MUITOS
OUTROS CRIMES. ACUSADOS:
OS INDIGENTES.

PÁG. 16

ELES SÃO CIDADÃOS ILUSTRES. MAS DESCONHECIDOS.

PÁG. 7





EM JUNDIAÍ, CINE-CLUBE E TEATRO. ALELUIA!

PÁG. 12 e 13

O ESPORTE JUNDIAIENSE VOLTA A BRILHAR.

PÁG. 11

ANÁLISE

O SALDO POSITIVO DA REUNIÃO DA SBPC

No ano passado alguém comentou em Brasília que a reunião dos cientistas estaria se transformando em manifestação política. E, ainda por cima, de oposição, quando não de contestação. Coerentemente, o **Ibope** das Ciências Humanas superou o das demais – "das desumanas", como ironizou o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Oscar Sala – confirmando a tendência que se manifestava nas reuniões anteriores. Mas ao que parece, apenas o **Ibope** demonstrou a superioridade das Ciências Humanas, porque segundo as estatísticas, as "desumanas" ganharam de longe.

Alguém contracomentou (ah!, essa Imprensa. . .) que na falta dos chamados canais competentes de manifestação política era natural que o público especial presente às conferências aproveitou a oportunidade para expressar suas críticas e descontentamentos. Até aí, quem deixou que a reunião não se realizasse em Fortaleza se arrependeu, porque em São Paulo ele acabou virando assunto nacional. Ciente de seu erro, o responsável por isso já ameaçou: "no ano que vem eles me pagam. Afinal, sem os meus subsídios. . .".

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência era uma entidade dependente de verbas governamentais. Era, porque ajudaram-na a buscar a sua autonomia. Simples: disseram prá ela que se virasse, como quem diz desista. Mas a mensagem parece que não foi entendida e acabou levada ao pé da letra: não deu em Fortaleza, fez em São Paulo; não deu na USP, fez na PUC. E pronto.

O resultado de tudo isso é que a SBPC acorda para buscar sua autonomia financeira e, quanto a isso, já recebe a ajuda de várias entidades e milhares de cientistas, professores, estudantes e artistas. É preciso lembrar que esse apoio, pela forma como é dado, condiciona a postura futura da entidade. O que é bom, sem dúvida. Como sub-produto, sobra ainda o "reencontro histórico entre os cientistas e a Igreja", como lembrou Rocha e Silva, presidente de honra da 29a. Reunião Anual, lembrando na oportunidade que ambos não se entendiam há séculos. Esse reencontro foi proporcionado pela Cúria Metropolitana e pela PUC, que cedeu as suas instalações para a reunião da SBPC. Sem dúvida, um reencontro importante dentro do contexto em que vivemos.

O que se viu na reunião da SBPC em São Paulo foi a discussão por milhares de cientistas sobre problemas como a concentração de rendas; a dívida externa e inflação; o estado de direito; participação política; medicina preventiva e educação sanitária. Assuntos bem diferentes dos abordados em reuniões anteriores.

Hoje assistimos a afirmação e o crescimento de uma entidade representativa livre, abrangendo dezenas de outras (Sociedade Brasileira de Física, Química, Biologia, Medicina, Associação dos Sociólogos, entre outras), com objetivos mais amplos, na medida em que congrega pessoal cada vez mais diversificado e ainda quando se relaciona com outras entidades das quais precisa de apoio, que lhe foi negado pelo Governo.

Isto tudo num País carente de instituições autônomas de representação, onde quase todas são imediatamente presas ao Governo através de verbas, condições legais de existência e outras vinculações. No quadro geral, pode-se dizer que tudo foi muito bacana, excelente. De parabéns a diretoria da SBPC, os cientistas, as pessoas que colaboraram para a realização da histórica 29a. reunião anual. Parabéns aos sócios e não sócios. **Levi Ferrari.**

JORNAL DE 2ª

DIRETORES
Ademir Fernandes
Erazê Martinho
Esdra Guimarães do Carmo
Francisco de Assis Oliva
Sandro Vaia
Sérgio Rondino
DIRETOR RESPONSÁVEL
Sérgio Rondino
REDAÇÃO
Ademir Fernandes
Carlos Kazuo Inoue
Erazê Martinho
Lêda Maria de Carvalho Cassins
Sandro Vaia
Sérgio Henrique de Souza
COLABORADORES
Antonio Araújo Vieira
Carlos Veiga
Inácio Araújo (Paris)
J. Germano
Mário Lúcio Marinho
Pedro Autran Ribeiro
Pedro França Pinto
Percival de Souza
ARTE
Alberto Inoue
Décio Denardi
FOTOGRAFIA
Renato Bezzan
COMPOSIÇÃO
Fátima Florêncio Trimboli
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Representante:
Ivone Marchi Magalhães

O Jornal de 2a. Feira é uma publicação da Editora Japi Ltda. Redação, Publicidade e Administração: rua Senador Fonseca, 1.044
Jundiaí – S.P.
CEP. 13.200 – Telefone: 434.8648
Composto e impresso nas oficinas da Editora Japi Ltda.
Os artigos assinados não refletem, necessariamente, a opinião do jornal.

Cidade

COISAS DA CIDADE

Esta nossa terra de há muito é teatro de cenas que seriam cômicas se de certo modo não perturbassem a vida cotidiana daqueles que as sentem mais de perto.

Discute-se práticas de lana caprina e instaura-se plebiscíto para saber o que o povo pensa com relação à derrubada de uma ponte imprestável ao fim precípuo que é dar passagem a pedestres e veículos. E todo mundo, do gari ao doutor, da lavadeira à mestra, deitam falação em torno do estafermo que vai, ao que tudo indica, acabar permanecendo como "monumento histórico", a despeito de não memorar história alguma. É apenas uma obra do passado, que tanto pode ser derrubada, se necessário, como continuar em pé pelos anos afora. Aliás, algo curioso, não deixa de ter os seus encantos ante a esquisitice da respectiva arquitetura, pelo que valeria a pena preservá-la, se por bem entenderem os técnicos independentemente do pronunciamento leigo da rua.

Um terreno festeja as suas bodas de prata na avenida Henrique Andrés, sem que nada menos de cinco prefeitos o tenham contemplado, baldio, imundo e ameaçador tanto à saúde como a segurança daqueles que lhe são mais próximos. A lei diz que não se pode abandonar os terrenos em aberto ao sabor de ratos, podridão e marginais. Mas quem se importa com o que diz a lei? Ao executivo cabe cumprí-la, ao vereante vigiá-la. E daí? Se ambos os dois continuarem sacudindo os ombros que é que acontece? Ora, a lei . . .

Outra coisa que faz a gente ficar pensando como aquela galinha que chocou patinhos é a chamada "Zona do Silêncio", que se implantou ali por perto, no cruzamento da Rangel Pestana. Uma tabuleta vistosa adverte os transeuntes: "Zona de Silêncio". Confina com a cercadura do Cemitério, a um quarteirão do Velório e uma centena de metros da Casa de Saúde Domingos Anastásio. Há, pois, que se admitir a recomendação por motivos óbvios. Entretanto, dir-se-á que por um capricho dos fados não se conhece na cidade local mais barulhento que o enunciado. Pela avenida Henrique Andrés, vencendo um aclive bastante agressivo, circula todo o trânsito pesado que frue do interior via Itatiba. E o ruído ensurdecedor acompanhado de densa fumaça de óleo cru é infernal e verdadeiramente insuportável.

Um vazamento também já viu transcorrer o seu primeiro lustro de existência no reservado feminino da Praça Floriano Peixoto, desperdiçando apreciável volume de água, que contorna o jardim até alcançar a confluência com a Rua Barão, por onde busca uma boca de lobo através de certo rego que é igualmente uma monstruosidade.

São pequenas ocorrências que surram os olhos dos observadores no perpassar dos anos, e que, pela pouca importância que têm, parecem perpetuar-se numa demonstração incontestável de que os órgãos especializados da municipalidade lhes são completamente alheios. Aquele terreno, por exemplo, vem esperando por mais de vinte e cinco anos as providências que lhe são cabíveis. O vazamento, o barulho na "Zona do Silêncio". São coisas assim, tão pequeninas, que vêm fazendo desta cidade a mais descurada de quantas se conhece.

Força é dizer que só apontamos o mal, já que essa é a nossa obrigação. Não mostramos nem conhecemos o remédio, dever que não implica a nossa função. Se corretivos possam haver para as falhas apontadas cumpre aos poderes públicos estudá-los e praticá-los.

Elcio Vargas

Papo Furado

AQUELA PONTE É UMA PIADA

Então, como é que é, cai a ponte ou não cai? Os palpites estão divididos entre o lirismo piegas de bolorentos conservadores do bric-à-**brac** e o indigesto espírito demolidor dos iconoclastas. Não se procura ouvir, todavia, aqueles que purgam a fedentina às margens ribeirinhas do Guapeva. A opinião que estes possam emitir não serve de parâmetro. Nem tem fala nas divididas da rua. São suspeitos. Quem vai dizer se cai ou não cai são as comadres através da palpitaria graciosa.

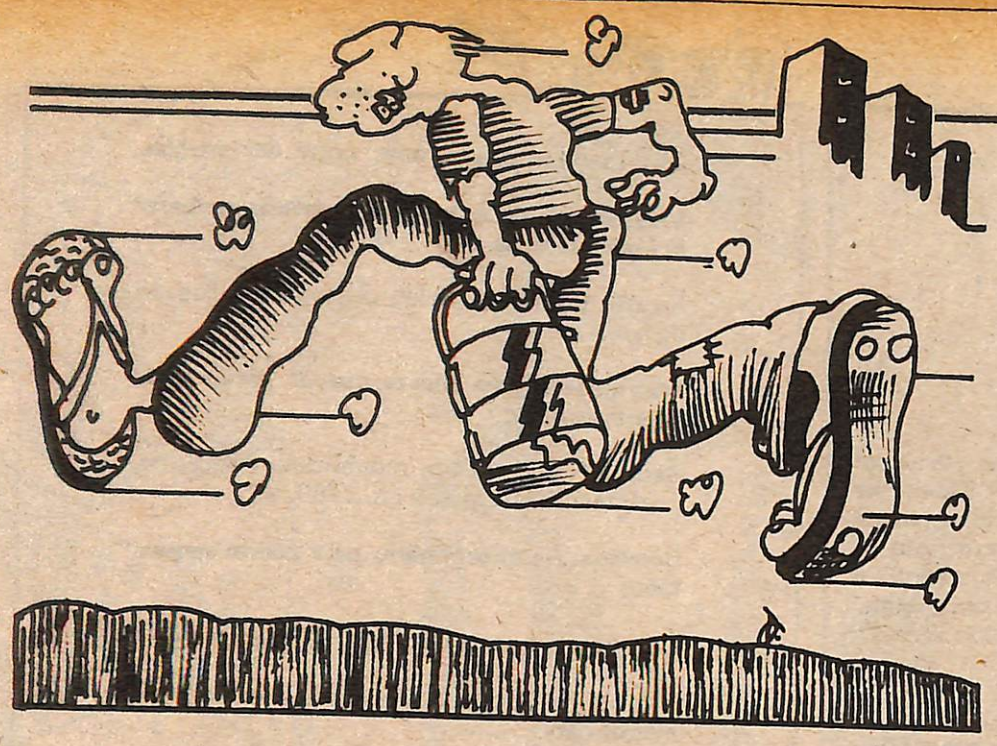
A ponte é um monumento que os parassematógrafos reconhecem e proclamam como indissoluvelmente ligado à tradição da cidade – dizem os líricos – O casamento também era indissolúvel – arrematam os iconoclastas. E o divórcio mostrou que todas as teorias são relativas, salvo a de Lavoisier.

Cá por mim, tanto se dá. Não me faz nossa a permanência do estafermo, como pouco me importaria se emprestasse os seus tijolos para empreendimentos mais utilitários. O azucrin do vulgo entre o cai-não-cai é que enche o sapicuá da gente. Por essa ponte, além dos burros que puxaram os lendários bondinhos cruzaram os figurões do passado. Ela representa, pois, duas épocas distintas. Uma, quando por sob seu arco corriam remançosas as águas prateadas dos jundiás, e outras, ou seja, a presente, quando por ela rolam os enxurros de ventres empanturrados.

Há quanto remonta o seu batismo? Cem, duzentos, quantos anos? Os anais são silenciosos e dão largas a invetivas exageradas. Entrementes a pesquisa continua. Não importa saber o que mais possa consultar à tecnologia ou o próprio interesse público. O importante é não pisar no pé da torcida do cai-não-cai. Tendo-se em conta a estrutura e a respectiva solidez estática, vamos ter ponte para mais dez ou vinte gerações. Daí, se lhe negam história hoje, vão ter que admiti-la amanhã. Pode tremer, isso pode, sempre que pelas cercanias passarem frotas mais pesadas. Mas, nem tudo o que balança cai, como já disse alhures um bezerro olhando o coração do pai.

Vamos continuar pesquisando. Por enquanto o evento está mais ou menos empatado. Tantos prós, tantos contra. O que eu não entendo é porque fazer um tal fricote só pra saber se derrubam ou não uma pontinha mixuruca. Quandos Ibis meteu a foice nas figueiras da Santa Cruz não perguntou se queriam ou não. E o Solar do Barão é outra pinóia que ele não tombou porque tombaram antes dele. E só não botou abaixo mais velharias que existem pela aí porque lhe passaram uma rasteira quando corria para o continuismo. Não tivesse o povo sido tão ingrato e a estas horas de há muito já se teriam ruído outros tantos estropícios imprestáveis sem necessidade de plebiscíto popular.

Em todo o caso, como tudo o que tem seu lado azedo tem também uma pitadinha de açúcar, o lero-lero não deixa de ser bastante salutar, isso porque, enquanto o pau vai e vem, folgam as costas. Não há dúvida nenhuma, aquela ponte é uma piada. **V/2.**



Esporte é saúde!

(Ou: de como reduzir o colesterol.)

Muito bem, meu amigo, saia de baixo dessa manta de lã que você comprou na sua última viagem à Argentina, tire fora esse aconchegante pijama de flanela e prepare-se para a nossa aulinha de hoje.

Não, não. Nada de colocar o "Danúbio Azul" no stéreo, não! Trata de se enfiar no uniforme: camisa de algodãozinho cru, bem raro de tanto lavar, calção de futebol sob uma calça de brim da Argos, sandálias Verlon, tipo havaianas.

Pronto? Agora vá até a cozinha e esquente, você mesmo, aquele resto de chá-preto de ontem. Tome bem fumegante, numa caneca de alumínio, que é para esquentar as mãos enquanto bebe. Um momento! Nada de iogurte nem de bolachas de água e sal com geléia de frutas. Chá-preto, e basta.

Agora, espere bater as 5 horas e saia pra rua, caminhando depressa até o ponto de ônibus, a quatro quarteirões de sua casa. Coragem, meu velho, essa cerração até que é boa: se o céu estivesse limpo, estaria muito mais frio. Epa! Olha o ônibus passando! Corra, faça sinal para o motorista, pendure-se na porta, dê um empurrãozinho no cara da frente que cabe mais um. Muito bem, você esteve ótimo!

Muito abafado dentro do ônibus? É bom, assim você se aquece.

Dê um passinho à frente, por favor, que está chegando mais gente. Isso! Agora vire o corpo pra cá, tire o seu pé de cima do pé do companheiro da frente, esquive-se do cotovelo da mulher que está passando, mantenha o sorriso e procure não pensar no cheiro do suor amanhecido do homem ao seu lado: no bairro dele não tem água para que ele se dê ao luxo de se banhar diariamente, procure compreender isso.

Agora você precisa de agilidade e boa cintura, porque está chegando o seu ponto de descida. Não leve a sério o que o mulato da frente falou: ele é desbocado assim somente quando lhe pisam no joanete. Agora, salte. Muito bem!

Entre na fila, marque o seu cartão e vá para a sua oficina. Comece a trabalhar. Não ligue para esses arranhõezinhos na mão, quando sua pele estiver mais grossa você nem sentirá dor. Os pés estão doendo? E gelados? Não ligue, voce se acostumará, você tem 4 horas para se acostumar.

Viu como passaram depressa? Agora vá com os outros até o refeitório, coma tudo e vá sentar-se no sol, até que o apito toque. Não se aflija: hoje, em vez de mais quatro horas, você trabalhará somente três e quarenta e cinco, é dia de pagamento. Parabéns, você saiu-se muito bem, nesse segundo turno.

Não se aborreça com essa graxa no canto das unhas, isso sai. Assine a folha e pegue o seu envelope.

Nada disso, nem pense em reclamar! Esses mil, cento e seis cruzeiros (brutos, sem os descontos) seriam 44% menos, se você tivesse começado no mês passado, dê graças a Deus, rapaz!

Agora vá andando até o armazém, ali a oito quarteirões, e, faça as compras do mês; 10 quilos de arroz, 5 quilos de feijão – não xingue, o preço é esse mesmo – 4 pacotes de macarrão, 5 quilos de açúcar, 3 litros de óleo a granel, chá-preto, sabão em pedra, 3 quilos de batata, 3 quilos de farinha de milho, 1 quilo de banha, sal, 1 lata de leite Ninho, 1 quilo de sardinha salgada, 1 pedaço de carne-seca. Pague e peça o trocado em balas pras crianças. Mas não exagere, que precisa sobrar 600 cruzeiros para o aluguel, dinheiro para a condução, lembre-se que o sapato do filho mais velho está abrindo o bico, a prestação do fogão já está atrasada um mês, esqueça cigarro e café, pense na conta da água, da luz.

Agora saia caminhando em passo lento e respirando fundo. Pronto, você já não está transpirando. Assobie "Quando as crianças sairem de férias" e continue caminhando. Não se preocupe: o armazém manda entregar a despesa em casa.

Erazê Martinho

OU A VERDADE
É LIVRE, OU A LIBERDADE
NÃO É VERDADEIRA.

(Jacques Prevért)

Jundiaí, uma questão de memória.

Quem já teve professor de história na vida, invariavelmente ouviu a respeito do objetivo do estudo desta matéria: "conhecer o passado para compreender o presente e prever o futuro". Com isso, é possível sentir alguma apreensão a partir do momento em que se toma consciência de como a história de Jundiaí está incompleta.

As duas facções de historiadores locais, de um lado Alceu de Toledo Pontes e do outro o padre Antonio Stafuzza, digladiaram-se em torno de suas versões. Envoltos pelo pó de mais de três séculos, eles ainda não chegaram a um acordo, que talvez nunca aconteça. Mas não é isso o mais grave.

A parte a boa vontade desses abnegados que escafuncharam toda a documentação que lhes caiu nas mãos, eles pouco se preocuparam com o mais importante: o processo histórico. Neste, as datas e nomes são elementos secundários, já que a sequência dos acontecimentos e sua influência é que podem realmente esclarecer.

O arquiteto Araken Martinho, na sua palestra dentro do ciclo promovido pela Associação do Universitário Jundiaiense, clamou pelas informações que sempre estiveram ausentes na análise da cidade. Em sua área específica, Araken salientou a importância de se conhecer em profundidade todas as fases por que passou a cidade para a realização de qualquer tipo de planejamento urbano. Segundo ele, os erros são muito mais frequentes desde que se desconheça as origens da realidade, pois assim a previsão quase sempre se torna intuitiva. E mais suscetível a enganos.

Outro participante do ciclo de palestras foi o professor Newton Balzan. Da mesma forma ele citou a falta de informações a respeito do processo histórico que formou a cidade. Falando dos problemas que a Educação está passando, Balzan foi taxativo ao afirmar a suprema importância falta se conhecer a fundo as raízes de Jundiaí, sob o risco de se persistir em erros já cometidos.

Tanto o arquiteto quanto o professor disseram que deve ser afastada a figura do historiador de gabinete. Para eles, a história deve ser registrada todo dia, desde que se tenha conhecimento do processo que criou, transformou e deu acabamento à realidade que se presencia.

Mais: não cabe apenas aos historiadores o registro da história. Pelo contrário, há necessidade de participação efetiva de todos os ramos do conhecimento humano. As versões e teorias que emanam só de um tipo de ciência são insuficientes para oferecer todas as explicações. Sobretudo, as previsões.

Assim, os economistas, os médicos, os políticos, os cientistas, os operários, os empresários, os jornalistas, devem participar não só do levantamento dessas informações que faltam, como também de tudo que envolva a cidade. No presente e no futuro, as decisões devem partir do conhecimento multidisciplinar.

As dificuldades que têm surgido (e também a infinidade de erros) podem ser, ao menos em grande parte, atribuídas ao desconhecimento do passado de Jundiaí. Algumas perguntas, que muitos se fazem, jamais foram respondidas com precisão histórica. Uns imaginam, outros encontram versões esdruxulas. Mas ninguém realmente sabe.

Por exemplo, onde estão os documentos que explicam os motivos de Jundiaí não ter sido a característica marcante das lideranças políticas oriundas dos grandes proprietários de terra? Quais as razões que transformaram a cidade num lugar onde a era industrial substituiu rapidamente a economia agrícola? E quais as consequências dessa mudança?

A que forças o desenvolvimento da cidade obedeceu? A que interesses se voltaram as transformações ocorridas? A Ponte Torta significa exatamente o quê? E o Solar do Barão, representa realmente alguma coisa para a memória da cidade, independentemente das questões arquitetônicas?

É aqui onde se aplica a velha explicação dos professores de História sobre a importância de estudá-la, "conhecer o passado para compreender o presente e prever o futuro". Só que as atenções devem se voltar mais para o processo histórico do que o amontoado de nomes, locais e datas.

Esta é a única forma de, diante de qualquer proposta, se ter condições de apreciá-la com o devido senso crítico. Para os tão comuns estrabismos dos tecnocratas, a lente corretora de uma visão humanística mais abrangente, capaz de dizer que o futuro reservado interessa para a comunidade ou não. E até que ponto as experiências podem ter sucesso ou resultar num amargo fracasso.

Depende de uma atuação em nível da comunidade para se escrever o passado de Jundiaí, influir em seu presente e garantir os dias que estão para vir. De outra forma, a interferência de forças estranhas à vida da cidade e desvinculadas dos interesses coletivos será cada vez maior. Até não haver mais uma Jundiaí que interesse de verdade a seus habitantes.

Seria ingenuidade pensar que o Plano Diretor Físico e Territorial de Jundiaí, modificado pelo arquiteto Cândido Malta Filho, contenha erros técnicos. O fato é que como um alienígena, ele jamais poderia planejar corretamente o desenvolvimento da cidade, já que não dispunha, na época, das informações históricas. Também contribuiu o fato de ele pertencer à geração dos tecnocratas à serviço do Poder. Todo seu conhecimento científico foi usado para servir aos responsáveis pelo pagamento de seus honorários.

Sente-se que existe a disposição, ao menos de uma pequena parcela da população, de dirigir os destinos da cidade de acordo com as características de Jundiaí, amalgamadas através dos anos. Será preciso fazer um trabalho que nunca se fez antes para desviar do caminho que já começou a ser percorrido: a transformação num imenso quintal de São Paulo. **(Carlos Kazuo Inoue) – P.S. Cartas para a redação.**

PALAVRAS

"O advogado que não acreditar em Justiça e liberdade é melhor que vá plantar couve". (Terezinha de Jesus Zerbini, presidente do Movimento Brasileiro pela Anistia)

"O torcedor brasileiro é muito exigente. quer demais. Se a gente marca três gols num jogo e no seguinte só faz um, eles dizem que a gente não serve". (Pelé)

"Mas esses planejadores, por esse Brasil afora, estão cometendo o erro elementar de "projetar" o futuro com base nos resultados dos anos passados. Ou, mais claramente: se a população de Jundiaí cresceu 6% ou 10% ao ano nos últimos dez anos, calcula-se que a mesma taxa será mantida daqui para a frente — e se vai chegar àquele resultado de um milhão de habitantes no ano 2.000. O que está esquecido neste exercício de matemática? O óbvio. Que as cidades industriais do País, em geral, tiveram um grande acréscimo de população nos últimos dez ou quinze anos, devido não apenas ao êxodo rural, como porque chegaram a atrair moradores de outras cidades". (Aloysio Biondi, revista "Isto É", sobre afirmações feitas pelas administração passada, de que Jundiaí é uma cidade preparada para o ano dois mil, graças às obras dessa mesma administração).

"Logo, a população de certos centros não poderá crescer no mesmo ritmo. Como explicar esse erro grosseiro de planejamento? Há o imobilismo que atingiu o País no campo das idéias. Mas há também, certamente, em alguns casos, a deliberada manipulação de dados com um fim: arrancar dinheiro do governo federal ou do governo estadual para a execução de grandes planos, grandes obras. Os crocodilos lacrimejantes se encontram em cena, como sempre, com o intuito de abocanhar verbas". (Mesmo autor, mesma revista).

"A mulher tem direito a voto apenas desde 1932. Provavelmente, em consequência, parece se ter formado o concenso de ser pouco importante aquilatar qual a magnitude da ocupação de cargos eletivos por mulheres. Não é verdade que elas tenham atuado pouco na vida partidária. Entretanto, se considerarmos o período anterior a 1946, quando o País retorna, após 15 anos de ditadura, ao sistema de eleições diretas, observa-se que houve retração na apresentação de candidatas e do número de eleitas para as Câmaras". (Eva Blay, socióloga, Jornal do Brasil, 11/7).

"O governo tem a intenção de reduzir-me ao silêncio e impedir que me organize com meu povo, condenando-me por um crime com o qual nada tenho a ver". (Ângela Davis, líder negra norte-americana, Diário de São Paulo, 3/7)

PUFS

Fiat Lux incendiou nove entre dez estrelas.

Vergôntea era o nome que se dava às mulheres de vida duvidosa.

Escalão foi o técnico do primeiro selecionado de Israel.

Aborígene é uma planta que os índios estão exterminando.

Barrete Frígio foi um republicano francês cujo casamento fracassou em 1789.

Convênio é um seminário para padres aposentados.

Garupa é a autora do tango "Cuesta Abajo"

Vat 69 foi um poeta escocês nascido nessa mesma data.

Kardex foi o primeiro espírita a ser fichado.

Curriola é um pássaro que vive em bandos.

Repto é o sequestro de crocodilos.

Borborema é a migração feita pelas mariposas, no tempo da procriação.

Champignon decifrou a culinária egípcia..

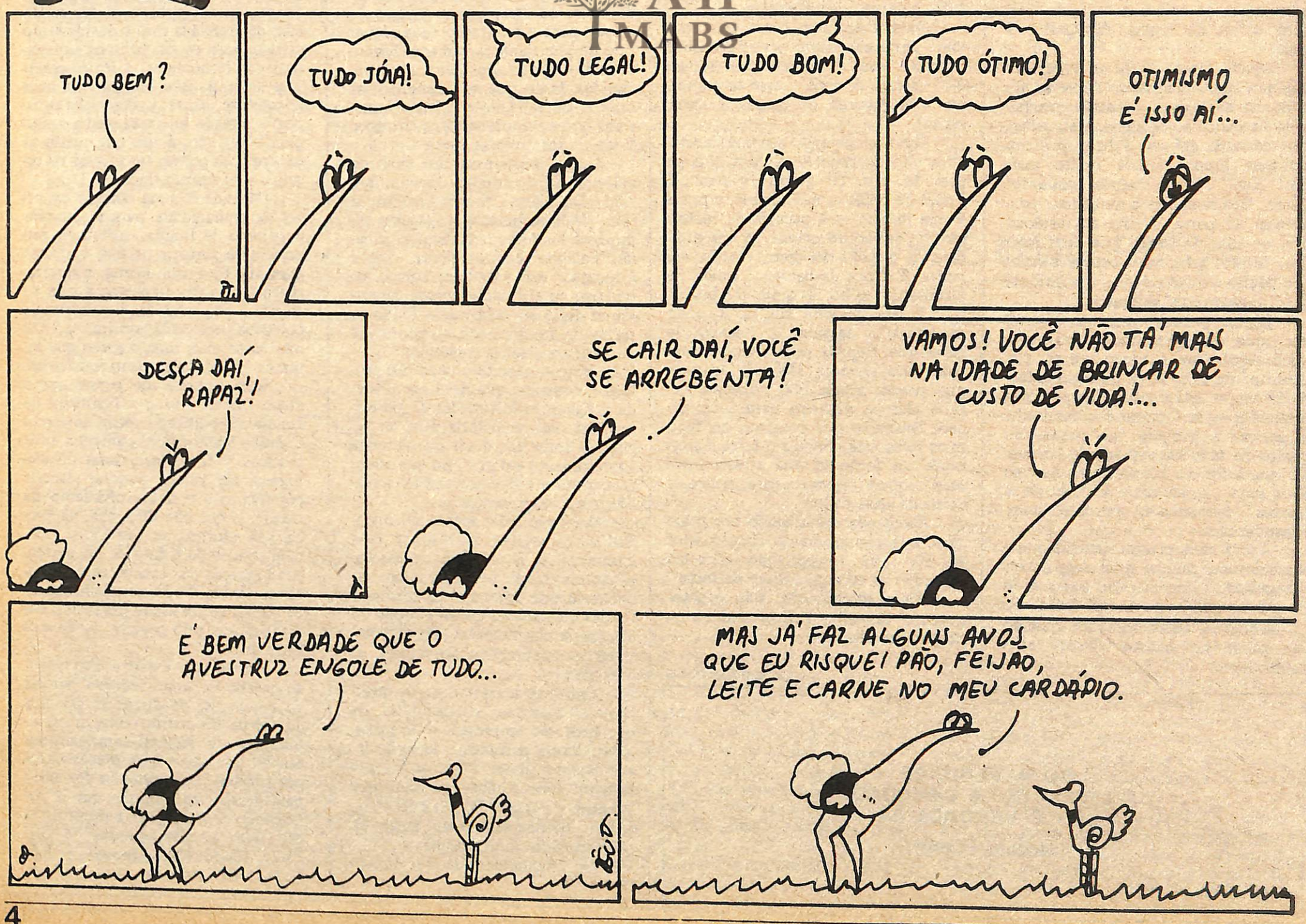
Black Out fez grande sucesso na noite novaiorquina.

Lumière foi o primeiro lanterninha do cinema francês.

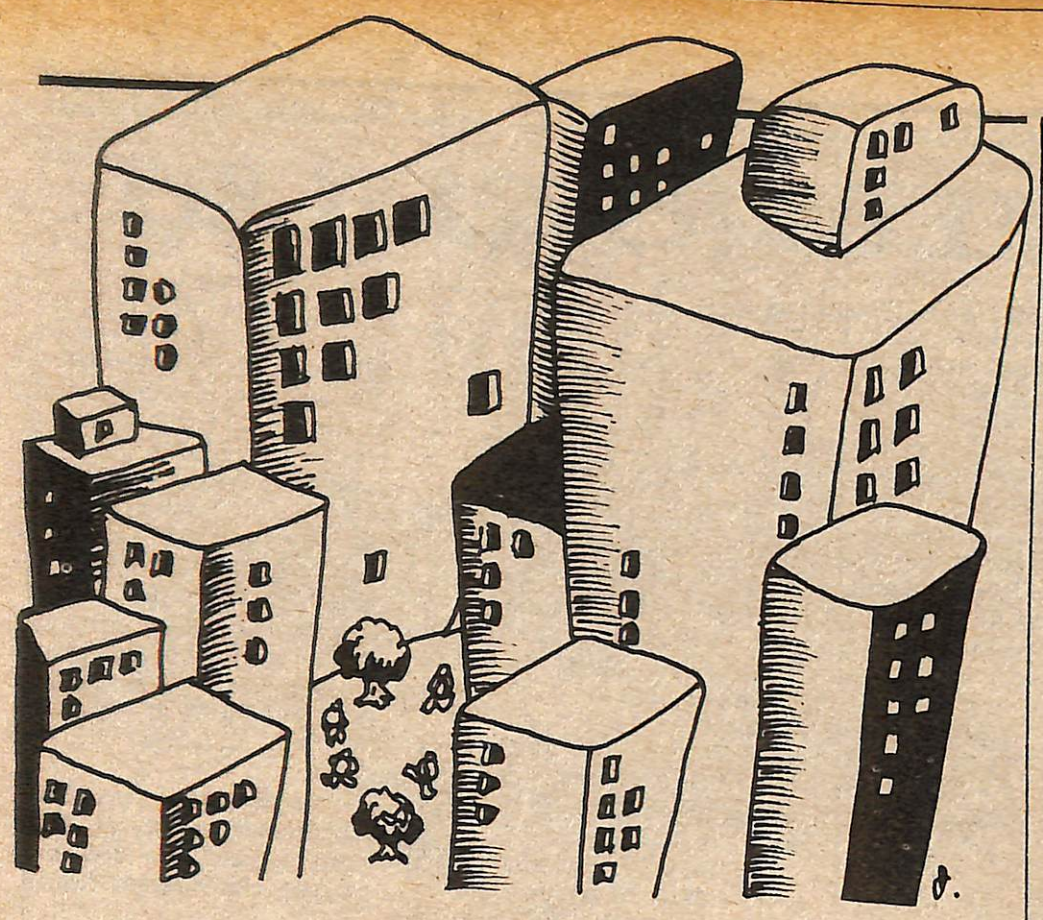
Breakfast foi a obra de Bacon que fez mais sucesso nos Estados Unidos.

Zarteu

TRUZ O AVESTRUZ



AH IMABS



Bola na praça

A cidade que mais cresce no mundo. O slogan é histórico, e pela reação comum da associação de idéias, ele se inscreverá sempre num cartão postal onde, de contraponto ao Vale do Anhangabaú, surge uma obediente fileira de arranha-céus, recortando, contra um horizonte retocado de azul, uma silhueta a quem a irresponsável loquacidade ufanista apelidou de progresso.

A ingênua São Paulo dos anos 50/60 engoliu o slogan com sublime enlevo, enquanto à sombra dele iam semeando a mais irrefreável desordem urbana, que hoje espanta tanto os incautos de ontem quanto atemoriza os que não conseguem conter os próprios tentáculos. Esses tentáculos ficaram tão amplos que escaparam ao controle de seus donos. Os criadores não conseguem mais conter a criatura. Apenas uma reedição da fábula do médico e o monstro, versão urbana.

Quando no fim dos 60 um velho urbanista, Anhaia Melo, ex-prefeito de São Paulo, numa obscura conferência no Instituto de Engenharia, pela primeira vez lançou o brado "São Paulo precisa parar", abriram-se espantadas manchetes na imprensa pelo inusitado do apelo. Haviam passado anos ensinando a população a vangloriar-se da pirotecnia do crescimento desmedido, e de repente, como que saindo da pré-história, uma voz estridente destruiu o encanto.

Em pouco tempo a cidade toda correu aos freios, mas o trem já estava desembestado na descida.

Hoje está aí: os jornais, o rádio, a televisão, o povo — todos se juntam embebecidos em volta de alguns metros quadrados do mais vulgar asfalto para acompanhar, quase com lágrimas de ternura, as ralas peripécias futebolísticas de um grupo de garotos que resolveu transformar a central para dom José Gaspar em Campo de futebol.

Houve polêmicas. Com a rara sensibilidade dos tecnocratas, o diretor de trânsito da cidade mandou seus policiais ao local do crime para relaxar a pelada. Munido de seus regulamentos e suas portarias, o engenheiro Scaringella — é como se chama o tecnocrata das buzinas e das multas — foi obrigado a dar meia-volta e refugiar-se atrás de seus mapas de fluxo e refluxo. Ele foi repelido pela opinião pública e por um rasgo de sensibilidade de seu chefe, o prefeito Setúbal. Os meninos ganharam seus metros de asfalto, um jogo de camisas, tinta amarela para pintar as faixas de seu campo e uma torcida diária, fiel e entusiasmada.

Comovente?

Deprimente.

Os meninos peladeiros do centro de São Paulo, mais do que a graça de seus dribles, exibiram a todos, com sua linguagem lúdica, o que mil conferências, mil teses de urbanismo, mil prefeitos, não conseguiram transmitir em sua linguagem árida, geométrica e pragmática: São Paulo é uma pobre cidade que se alegra em poder circunscrever uma manifestação espontânea em alguns metros quadrados de asfalto. E ao mesmo tempo, fecha um cerco em torno da espontaneidade, para matá-la com os flashs dos fotógrafos e o brilho das câmaras portáteis de vídeo-tape.

Por isso eu sinto arrepios toda vez que alguém usa a palavra progresso, quando alguém diz que a Ponte Torta, por exemplo, precisa cair para "dar lugar ao progresso", ou quando alguém acha que fizeram bem em derrubar as figueiras da Praça da Bandeira porque "uma estação rodoviária é progresso".

Essa espécie de progresso acaba sempre em pelada na praça. Desde que sobre pelo menos uma praça.

Sandro Vaia

PLANTÃO

I

O nascimento é o início da vida. A morte, o fim. Mas a morte violenta é um fim antes do fim.

Sejam as vítimas esquecidas ou não — e, frequentemente, nem são devidamente contadas — as mortes violentas têm consequências mais profundas e mais duradouras do que as admitidas.

A violência corrompe. O agressor não é o único e, algumas vezes, não é o único agressor. Por exemplo: chega ao local e dá um tiro. O papel que representa, no entanto, foi escrito muito antes.

II

O cientista social Frederic Werthan observa que de acôrdo com a história — ou qualquer nome que queiram dar — a primeira família (Adão, Eva e os filhos) foi atormentada por três grandes aflições:

1) o que já se descreveu como "tumulto do pensamento", especialmente sobre o bem e o mal. Ou seja: a árvore do conhecimento do bem e do mal, conforme o livro de Gênesis.

2) o sexo (a serpente do desejo). Já perceberam que a Bíblia ensina que a melhor maneira de dizer o que se considera indizível é a fábula? A metáfora, como se sabe, nasceu na Grécia calada. A Bíblia é a voz do povo judeu calado. Esopo era um calado; La Fontaine também.

3) A violência: o assassinato de Abel por Caim.

Wertham observa ("A Sign for Cain") que é fato interessante os filósofos, os cientistas e os teólogos terem concentrado suas atenções nas duas primeiras aflições acima citadas. Existem, com efeito, inúmeros tratados de filosofia moral e, naturalmente, sobre o sexo. A violência, contudo, como assunto de caráter geral, tem sido negligenciada.

Até o sinal de Caim — ou a marca de Caim (". . . e pôs o Senhor um sinal em Caim para que não o ferisse qualquer que o encontrasse"; Genesis, 4:15) — é algumas vezes mal interpretado. Werthan afirma em sua obra que já ouviu promotores invocando a pena de morte e apontando a "marca de Caim" na testa do acusado. Não sabem eles que essa marca não assinala um homem como merecedor da pena de morte. Pelo contrário: é um sinal contra outras violências, "um sinal em Caim para que não o ferisse qualquer que o encontrasse".

III

Em seu livro "A pena de morte", Jorge Buarque Lira, cita o livro "Os Miseráveis" de Victor Hugo:

— . . . "a história de dois personagens típicos, que representam perfeitamente: de um lado, um perseguido da Justiça, e de outro, o seu perseguidor. O primeiro encarnava o crime, o segundo simbolizava a Lei.

— "Os dois personagens são Jean Valjean e Javert. Por ter roubado um pão para matar a fome de sua família, foi Valjean preso. Pondo-se em fuga várias vezes, foi tendo sua pena agravada de mais anos, ao ponto de ter cumprido 19 anos de penitenciária. Solto, em liberdade condicional, após tantos anos de aprisionamento, em que sua família perecera de fome e de todas as necessidades, a Lei, representada no rigorismo do inspetor Javert, jamais deixou de vigiar-lhe os passos. Qualquer coisa que o pobre homem fazia, era motivo para ser chamado ao cárcere. Um dia porém, depois de vaguear, faminto, de porta em porta, à procura de emprego e de pouso, sem que ninguém o quisesse abrigar do frio, porque levava o ferrete da ignominiosa pena que sofrera, e ainda com a agravante de ser um homem perigoso, pela mercê de Deus foi bater às aldrabas de um sacerdote, um bispo muito caridoso, que ouvindo a história dos seus padecimentos, deu-lhe acolhida em sua casa e à sua mesa, tratando-o de "irmão".

IV

A história é um clássico da literatura. Valjean vai para a cidade de Arras, na França, e se transforma em "M. Madelaine". Prendem um homem como sendo Jean Valjean. Está para ser condenado, quando "Madelaine" se identifica no tribunal. Fugas, perseguições, prisões, e Valjean cumprindo rigorosamente o preceito paulino: "vence o mal com o bem".

V

Em seu livro "A pena de Morte", Buarque Lira compara o suicídio de Javert, atirando-se ao rio Sena, como um símbolo de "suicídio da sociedade de todos os tempos, quando não sabe cumprir o seu dever com a humanidade":

— Quando desconhece — escreve Lira — que, lidando com seres humanos, tem de agir com leis humanas e, portanto, suportáveis pelos semelhantes, a quem devia reconhecer e tratar como outro espírito, para não proferir, como tantas vezes o tem feito, o mea culpa dos arrependidos, e precipitar-se no abismo imensurável de sua própria incongruência.

VI

Obviamente, muitas pessoas defendem a idéia do "olho por olho e dente por dente". Matou, morreu. Roubou, morreu. Mas, como diz Jorge Buarque Lira, no mesmo livro "A pena de morte":

— . . . "em face da corrupção da própria sociedade, da politicalha que a infesta, a doação da medida capital só seria para os miseráveis, para os desprotegidos. E, neste caso, sua aplicação, via de regra, seria mais o atestado de injustos privilégios do forte contra o fraco, pois somente seria executada contra aqueles que não tivessem proteção da política ou de amigos ou do dinheiro, o que seria, finalmente, contra a vítima da miséria, a vítima da própria sociedade".

Com efeito, se fôssemos usar a pena capital para exterminar os corruptos, os crápulas e os grandes canalhas, sobraria pouca gente para contar a história. . . .

Percival de Souza





ASSINE
O JORNAL DE 2ª

ZONA FRANCA

O VEREADOR RECLAMA

Recebemos do vereador José Rivelli a seguinte carta:

O "Jornal de 2a.", em sua edição de 11 a 17 do corrente mês, publica declarações atribuídas ao vereador sr. Antonio Tavares, num artigo assinado por C.K.I., sob o título "Reina Paz na Câmara".

Entre outras dessas declarações, lê-se o seguinte período: "Por exemplo com a da Merenda Escolar, em que chegamos à conclusão que José Rivelli é um mentiroso. Ele foi testemunhar falsamente na tribuna da Câmara e agora está sendo processado pelo marido da diretora da Escola-Parque".

Ante o inusitado e insólito aleive de tal afirmação, apressei-me em dirigir ao referido vereador Antonio Tavares ofício no qual lhe solicito confirmar ou desmentir o alegado na citada publicação.

Em resposta, esse digno representante do povo de Jundiaí envia-me ofício em que nega, a bem da verdade, terem sido de sua autoria aquelas caluniosas imputações, jamais concebíveis à minha modesta pessoa.

Desses ofícios V.Sa. pode inteirar-se pelas respectivas cópias anexas.

Face ao exposto, devo concluir, assim, não ter havido por parte do autor de "Reina a Paz na Câmara" a devida ética jornalística nem o esperado e natural respeito às pessoas de dois cidadãos aos quais o laborioso povo desta terra honrou, outorgando-lhes as cadeiras que ocupam na vereança local.

Certamente que nossos foros de cidade politizada e ordeira não se engrandecem nem podem prestigiar a imprensa quando ela atribui assacadilhas a quem não as proferiu, deturpando a verdade dos fatos.

Creio por justo e certo que V.Sa. saberá retificar tal publicação, restabelecendo a verdade e a realidade dessa questão.

Na expectativa de tal diligência e com meus antecipados agradecimentos pela atenção, subscrevo-me. José Rivelli, vereador".

Anexos à carta, o ofício dirigido pelo vereador José Rivelli ao vereador Antonio Tavares, e o ofício resposta do vereador Antonio Tavares, em que afirma "que não foi de minha autoria qualquer referência menos respeitosa sobre a pessoa de V.Exa., no que respeita a qualquer referência ao arquivado inquérito sobre Merenda Escolar ou a qualquer outro assunto".

N. da R.: o "Jornal de 2a." não atribuiu assacadilhas a quem não as proferiu, nem deturpou a veracidade dos fatos. A frase atribuída ao vereador Antonio Tavares no artigo "Reina a Paz na Câmara" foi pronunciada pelo vereador Antonio Tavares.





COLUNA DO AUÇONIO

O Jornal de 2a. Feira atende a atualidade vivida. Infelizmente, hoje não temos tempo para uma longa leitura, e isto equivale dizer insere o J 2a. Feira o conteúdo que em poucas linhas reflete o pensamento, emite a mensagem e provoca um exame de consciência ensejando imediato engajamento do fato em nosso conceito.

É o desejo do jornal que todos colham os frutos do sabor natural, cujas vitaminas fortaleçam o espírito de Justiça de cada um na verdade construtora e irretorquível. Assim pensamos,

Auçonio Tozetto

Assim pensamos, Auçonio.

DE CAÇADOR A CAÇA

"Sr. Assisti, terça-feira passada, o Globo Repórter a respeito dos índios "Caçadores de cabeça". Fiquei abismado com aquela parte em que um padre (ou pastor, não me lembro bem) está ensinando os índios a comercializarem, como se o comércio fosse melhor do que a vida que eles levam na selva sem precisar disso. Fiquei mais estarrecido ainda com a locução dizendo que os missionários estão ensinando "a ética ocidental do trabalho" para aqueles indígenas. Estaria ele se referindo ao salário mínimo vigente? Aos boias-frias? Aos pingentes da construção civil?" **C. Souza.**

Talvez à ética do sr. Nelson Rockfeller, pai do "homem branco" que desapareceu naquelas paragens, Souza.

LOBO MAU

"Sr. Por que essas capas coloridas? **Wilma Belmiro Moraes.**

Pra te comer, netinha. Uauuuuuu!

VISITA INDIRETA

"Sr. Ao ensejo desta nossa visita, cumprimento os caros amigos do jornal, manifestando minha alegria por visitar novamente Jundiaí e a região". **Laudo Natel.**

Impossibilitado de comparecer pessoalmente, o ex-governador dos paulistas nos mandou a carta. Um tipo de visita indireta. Agradecemos, da mesma forma.

TRISTEZA

Fiquei triste com a morte daquela mulher na praça Floriano Peixoto no começo desta semana. Não sei quem era, nem onde morava, mas fiquei triste. Os jornais disseram que era uma indigente, morta por uma colega de situação. Só que quando ela foi golpeada com a faca, senti que todos nós estávamos ajudando a segurar o cabo.

Fiquei triste com a morte daquela mulher. Não por ela só, mas por todos nós, que somos capazes de passar em frente de um ferido e nos recusarmos a socorrê-lo porque está sangrando muito e pode sujar o precioso estofamento do carro. Foi-se uma vida humana em troca de um estofamento imaculado.

A mulher era indigente, mas duvido que era por sua própria vontade. Ela não morreu apenas por causa da facada que levou. Morreu porque, no centro da cidade, entre tanta gente, não havia seres humanos para socorrê-la.

Jussara Souza

A tristeza também é nossa, Jussara.

OS BONS IMOVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - Jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326).

V. LIBERDADE - nova, 3 dorm. carpetados, 1 suite, banheiro social, lavabo, sala, copa, cozinha, abrigo, jardim, lavanderia, dep. de empregada, quintal, terreno de 10x25. Cr$ 1.000.000,00 - pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

PARQUE DO COLÉGIO - nova 3 dorm. c/armário, 1 suite, banheiro social, lavabo, sala em L, copa, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada, abrigo p/ 2 carros, jardim, quintal, Cr$ 1.300.000,00 - pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

SÍTIOS E CHÁCARAS

ATIBAIA – 32 alq. com casa sede, c/ 3 dorm. - 3 banheiros, sala, copa, cozinha, salão de festa, mais 5 casas p/ colonos, luz, pomar, pasto, mata virgem, mangueirões, represa, telefone, etc.
Cr$ 1.800.000,00 - facilitado. Permuta-se com terras em Mato Grosso, - na zona de Diamantino. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

IVOTURUCAIA - 54.000 m, plana, toda formada à 9 km do centro, casa sede, casa para caseiro, luz pomar grande produzindo, água corrente, poço, 2 bosques grandes naturais, ótima topografia. Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.
Próximo a várias propriedades. Cr$ 15,00 m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, [illegible] pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes. 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço . . . . . Cr$ 4.500.000,00 a combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.500.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9961)

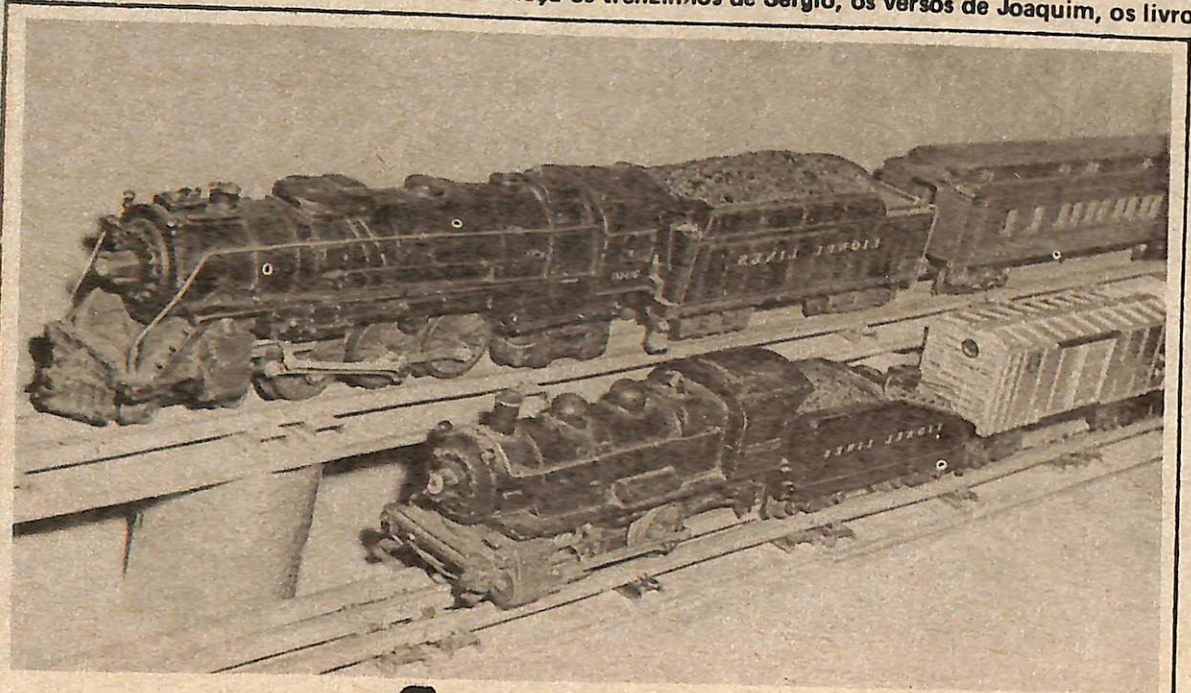
OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone: 434 - 3311

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
Rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
Tel. 436 - 6388

OS ILUSTRES DESCONHECIDOS

Conheça os trenzinhos de Sérgio, os versos de Joaquim, os livros de Eduardo. Eles são artistas.



Sérgio: uma estrada de ferro em casa.

Trenzinhos em miniatura soltando fumaça, apitando, descarregando animais e até pequenas pessoas de plástico, percorrendo trilhos com o mesmo sistema de tração dos verdadeiros, em linhas com sinais de luz e cruzamentos. Completando a pequena mas complicada rede ferroviária, estações, túneis e outros melhoramentos. Tudo numa cópia integral.

Aparentemente apenas um brinquedo caro, mas na verdade o ferromodelismo esconde quase a mesma complexidade de uma estrada de ferro. Foi a esse hobby que Sérgio Bandini dedicou-se durante alguns anos, tornando-se profissional na arte.

O interesse começou quando Sérgio tinha por volta dos 10 anos, como ele conta: "havia uma loja que em época de Natal colocava trenzinhos elétricos na vitrine para chamar a atenção. Como qualquer criança eu me interessava e pensava em ter um. A gente pedia pro pai, mas vinha um trenzinho de corda, com uma voltinha de trilho, que não satisfazia. Então aquela idéia ficou".

Quando nasceu seu primeiro filho, Sérgio comprou o primeiro trenzinho elétrico, e daí começou sua coleção, que aumentava com o investimento do dinheiro que ganhava nas horas de folga, montando e enfeitando trenzinhos e mesas inteiras para os que o procuravam. Curiosamente, a maior parte de seus clientes eram médicos e como sempre aquela história se repetia, "sob o pretexto de comprar para os filhos, quem acabava brincando eram os pais que não deixavam nem as crianças botarem a mão", conta Sérgio.

Sua coleção formada de 1951 a 1954, hoje poderia ser avaliada em 50 mil cruzeiros, pois a maior parte do material era importado, mas Sérgio fala que ao construir sua casa teve que desmanchá-la.

Mas tarde, a idéia de refazer a coleção voltou, mas conforme fala Sérgio, com 52 anos, vindo de São Paulo para Jundiaí em 1945 trabalhar no trecho Jundiaí-Campinas da Anhanguera, "a vida toma outros rumos e hoje, com uma fábrica, não sobra tempo para se dedicar à coleção".

Mas com algumas peças que ainda guarda, Sérgio não esconde seu entusiasmo por aquelas pequenas preciosidades, cuja sensação ao montar e vê-las funcionar ele descreve:

– É como trabalhar numa construção de estrada de ferro. A pessoa tem que ter gosto no fazer a paisagem e toda a decoração, tem que entender de eletricidade, ter a habilidade de um engenheiro. É uma estrada de ferro perfeita".



Eduardo: oficina de ressuscitar livros.

Uma oficina embaixo de sua casa, entre pilhas de livros conservados ou carcomidos. É onde Eduardo Da Pós com seus 79 anos, o único encadernador profissional da cidade, trabalha. Habilidosamente ele encapa os livros com papelão e papel fantasia, reforça as dobras com brim, forra as lombadas com couro cru ou colorido e grava os títulos em ouro ou preto "tudo conforme a vontade do freguês", fala Eduardo que às vezes passa mais de um dia fazendo esse trabalho artesanal em cima de um livro muito estragado.

Esse ofício ele aprendeu aos 10 anos, quando entrou no Colégio Salesiano de Niterói, a partir de quando ele conta das suas andanças:

– Terminado o curso fui para Santa Catarina onde lecionei em escolas durante dois anos. Depois regressei a Nova Friburgo, no Estado do Rio onde nasci, e lecionei num colégio jesuíta. Terminada a segunda Guerra, o colégio fechou por falta de professores jesuítas e justamente nessa época aprovou-se no Senado a Lei Elói Chaves, de aposentadoria aos ferroviários. Então o relator da lei arranjou-me o cargo de 1.o funcionário da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários, da qual fui um dos organizadores".

Assim Eduardo veio para Jundiaí, há 54 anos, onde depois de encampada a Caixa, ele foi transferido para a Companhia Paulista; lá trabalhou até se aposentar, em 1954.

Aí Eduardo começou a ficar impaciente, não concebia viver sem trabalhar e montou sua oficina de encadernação.

Ele tem trabalhos na Holanda, Alemanha, Estados Unidos e outros países, pois constantemente várias das grandes indústrias estabelecidas em Jundiaí enviam relatórios para suas matrizes. Também para o Vaticano foram mandados relatórios dos Beneditinos e da mesma forma o trabalho da Prefeitura e muitas coleções particulares são encadernadas por ele.

Eduardo só coloca uma restrição para os fregueses que o procuram no sobrado da Senador Fonseca, 1100, e esta é irreversível: "por uma questão de princípios não encaderno revistas ou livros obscenos, para não ajudar na divulgação de assuntos, afinal de contas, nocivos, que só podem corromper a mocidade".

Joaquim: o homem que leva a vida em versos.



Homem de extrema lucidez e bom humor, Joaquim Ferraz dos Santos, ferroviário aposentado com 79 anos, é um poeta nato. Escreveu um grande número de poesias como essa em que coloca sua concepção de vida:

"Sorria sempre, sorria/ Não ligue à vida que passa/ sob o véu da hipocrisia/ O mundo se delicia/ Sabendo a sua desgraça / Na vida tudo é trapaça/ Tudo corre à revelia/ Por isso diga chalaça/ E, como um tolo sem graça/ Sorria sempre, sorria".

Para ele poeta é Olavo Bilac e escritor Machado de Assis. Nascido no final do Parnasianismo e princípio do Modernismo, Joaquim confessa que ficou meio "atropelado" mas seus versos, principalmente sonetos, puxam para a escola parnasiana. Como escrever estava dentro dele, junto ao seu trabalho na Fepasa, ia escrevendo poesias, que nunca editou pois, conforme confessa, "as editoras cobravam muito caro e com o ordenadinho da estrada de ferro e três filhos eu não podia fazer nada". Joaquim conta que até uns três anos atrás, ainda tinha essa "vaidadezinha", mas "agora não mais, é tudo terra caída" É como fala, sempre usando linguagem poética e relembrando saudoso de seus tempos, intercala a prosa com um versinho em que figura a saudade com a plantinha "tiririca":

"A saudade é tiririca/ No jardim de nossa vida/ Por mais que se arranque – fica/ uma raiz escondida".

Escreveu ainda artigos, alguns políticos, que editou no **A Comarca** *e* **Diário de São Paulo**. *Sempre foi uma espécie de auto didata, leu muito (todos os poetas e escritores brasileiros e quase todos os portugueses, conforme ele fala) e também estudou um pouco de português, mas comenta: "é tempo perdido ficar estudando muito o português se a cada meia hora muda alguma coisa. Então a pouca cultura que me sobra consegui estudando por conta própria".*

Quando começou a escrever não tinha 18 anos e diz que com o passar do tempo mudou muito, como seus versos, e explica: "o poeta floresce aos 30 anos. Daí em diante já é homem mais amadurecido, já não tem tanto devaneio, não vai em baile, bebe e arranja briga. Então escreve poesias mais filosóficas, pois já é mais observador das andanças da vida".

Viúvo, com três filhos e oito netos, seu talento é demonstrado entre uma conversa ou outra quando gesticulando sempre, recita poemas como "A Lua de Londres" de João Lemos (nada menos que 90 versos) e faz algum versinho, como para felicitar um amigo que aniversaria ou faz bodas de prata. "É queda mesmo, diz, porque era só chegar a dizer parabéns. Coisa de poeta".



Tatu bonito de

O PREFEITO FALOU QU

Acomodem-se, por favor. Terno azul marinho com riscas-de-giz, gravata, colete, um copo d'água e o inseparável maço de Hollywood, o prefeito Pedro Fávaro está pronto para receber uma inesperada brigada e a responder tudo que lhe perguntarem.

A elegância um tanto inusitada explica-se assim: foi um dia de gala, o ministro Dirceu Nogueira, dos Transportes, esteve inspecionando as obras da Via Norte; recebeu os cumprimentos protocolares do prefeito e seus assessores e não terá partido sem levar, no bolso do colete, as preliminares de um pedido muito importante: Jundiaí quer – isto é, Jundiaí precisa de 1 bilhão e 500 milhões para acabar as obras do sistema viário.

Mas o prefeito está disposto a contar tudo, a passar Jundiaí a limpo, e não se importa em ser crivado de perguntas por Carlos Kazuo Inoue, Sérgio Henrique, Leda Cassins, Sandro Vaia, Francisco de Assis Oliva e Erazê Martinho, que compõem a equipe do **Jornal de 2a.**, que em nome da cidade, quer saber como vai a cidade. A prestação de contas durou três horas, muitos cafezinhos, alguns copos de água gelada e incontáveis cigarros.

UMA PERGUNTA IRRITANTE: NÃO FALEM EM IMOBILISMO.

Senhor prefeito, a cidade fala em imobilismo, diz que o senhor, isto é, a sua administração, não está fazendo nada. É verdade? (A pergunta é deliberadamente provocativa, nota-se).

– Quem é que diz isso? A gente não sente isso. A gente sente que a cidade está entendendo o que estamos fazendo, que a cidade está sentindo, não é verdade, Moacir? (Volta-se para Moacir Figueiredo, seu secretário de Serviços Públicos, "o homem que está em contato com o povo" Evidentemente o sr. Moacir confirma). O que existe é uma diferença de estilo. Não teria sentido se a gente fizesse um estardalhaço toda vez que se vai inaugurar um bico de luz. Me parece que isso ainda é uma consequência do estilo da administração anterior, mas esse não é o nosso estilo.

O prefeito, com a ajuda de Moacir Figueiredo, vai explicando as obras miúdas que estão sendo feitas, as obras "pequenas mas necessárias", que não aparecem, que não brilham. Fala das estradas rurais que estão sendo apedregulhadas e compactadas, fala do esgoto da Vila Helena, que escorria pelas calçadas do bairro e que agora foi remanejado, fala da erosão do cemitério Nossa Senhora do Montenegro, no Jardim do Lago, "onde a qualquer momento os cadáveres iam aparecer na superfície", fala da solução dos problemas da rua Carlos Gomes, da conclusão das obras do viaduto da Vila Rio Branco, onde há mais de 8 anos ninguém mexia e onde a água formava folclóricas poças em plena subida.

– Em vários lugares tivemos que colocar galerias de água, e para isso precisamos destruir o asfalto, para depois reconstruí-lo. Aquele asfalto novo, recém colocado. É claro que o serviço deveria ter sido feito antes da colocação do asfalto, mas não foi. E nós precisamos fazê-lo. Essas pequenas obras, tão necessárias, talvez não apareçam tanto. Mas vocês podem acreditar que a cidade está sentindo. Por isso eu acho que esse "clima de imobilismo" de que vocês falaram, é artificial, é criado.

O secretário dos Serviços Públicos se entusiasma e conta que levanta todo dia às 7 da manhã e sai para inspecionar obras, sem rumo certo. "Ninguém sabe quando eu vou chegar, e quando eu chego todo mundo está trabalhando, porque eles sabem que de repente eu posso aparecer.

VAMOS AO ASFALTO, COM O PLANO COMUNITÁRIO

A pavimentação das ruas, agora – explica Fávaro – vai ser diferente: Vai ser feito através de um Plano Comunitário. Funciona assim: as pessoas de uma rua se reúnem, fazem um abaixo assinado e encaminham à Prefeitura, dizendo que estão interessadas em pavimentar a rua. Depois de um estudo de viabilidade da obra, a prefeitura decide se aquela rua pode ser pavimentada, se ela tem infra-estrutura para isso, esgotos, água, etc. Se a decisão for favorável, uma firma credenciada pela Prefeitura irá entrar em contato com os moradores e combinar o serviço.

E quais serão essas firmas? A Prefeitura vai publicar um edital, convocando as firmas para apresentarem propostas. Poderão ser credenciadas várias firmas, e todas elas deverão regular seu preço pelo menor preço oferecido.

Em princípio, o plano é feito para a zona urbana, mas já foi levantada a hipótese de estendê-la para a zona rural. Só que o prefeito acha muito mais difícil executar esse plano na zona rural, por causa das peculiaridades dos terrenos, e uma série de outros fatores.

ATÉ QUANDO TEREMOS A GUTIERREZ POR AQUI?

O que a Gutierrez ainda está fazendo? O que falta para ela terminar a sua parte nas obras? E a concorrência, foi examinada, para ver se é lesiva ou não aos interesses da cidade?

O prefeito explica:

– A Diretoria de Obras, estava completamente marginalizada das decisões a respeito das obras do Sistema Viário. Era tudo decidido no gabinete. Havia uma firma contratada, a Sotaffe, que praticamente tomava conta de tudo. Havia engenheiros especialmente contratados que fiscalizavam as obras. Nós rescindimos o contrato com a Sotaffe e com os engenheiros. Como é lógico, sobrou uma carga violenta para a Secretaria de Obras, que teve que olhar tudo, rever tudo, estudar tudo, refazer os planos, reprogramar as obras.

O prefeito diz que em fins de setembro acaba o contrato com a Gutierrez, e tudo o que vier a ser feito depois disso, será feito com nova concorrência pública. Atualmente a Prefeitura está tentando receber de volta os 2 milhões de cruzeiros que aplicou na ponte da Vila Lacerda, que é do DER, e os 36 milhões aplicados no ramal ferroviário. E esse dinheiro, quando voltar, deverá ser aplicado em novas obras, dentro de novas prioridades, mas com novas concorrências.

As obras que a Gutierrez está executando e terá que terminar com o saldo dos empréstimos, até o final do seu contrato, são estas:

– contenção das marginais do rio Jundiaí entre a avenida Itatiba e a rua Castro Alves; demolição do pontilhão da Fepasa (que, para ser feita, depende apenas da mudança de tráfego de trens, que terá que ser executada pela Fepasa); regularização do canal do vale do Rio Jundiaí; no Guapeva, devem ser reconstruídas as pontes da rua XV, rua Prudente, Silva Jardim; na Atílio Vianelo vai ser demolida a ponte, e em seu lugar serão construídas duas novas (haverá uma rotatória no local). Além disso, está sendo feita a regularização do canal do Guapeva, que ficará com 12 metros de largura. (No trecho que passa por dentro da Cica, há entendimentos para que os serviços sejam executados pela própria indústria).

peva, é que aparece o polêmico problema da Ponte Torta, e aí o prefeito dá a sua opinião pessoal:

– Eu sou a favor da preservação da Ponte. Pode não ser um monumento histórico, mas é uma obra significativa na vida da cidade. Para que ela seja preservada, terá que ser aplicada uma injeção de concreto de dois metros para a sua sustentação; como o rio deverá ser rebaixado d[o] meio, e alargado, [com] propriações, inclu[sive] população vem se [mani]festando pela pren[sa], e como as [pes]soas estão [sen]sibilizadas, acredito que [já] mos para tomar uma de[cisão].

O prefeito acr[edita], e derrubada dos [pi]lares que tos de estrangular[em] damento dos rios, [evi]tadas nas chuvas do próx[imo ano].

AGORA MOS FAVELAS E FA

O assunto ago[ra] ração de favelas na[cio]nal, segundo o pre[fei]to mais. Há plano[s] déficit, para acaba[r] é sincero:

– Não vamos [fa]favelas. O que nós [fa]de organismos com[pe]tar incentivar a co[nstru]como fizemos com [os] Isso para diminui[r] pela menos tenta[r] veis atuais – ev[itar].

Há uma pergu[nta] sas que a Cecap e[m] sede de Campo do[s] na zona rural. Lá [não] -estrutura, não há [es]porte é difícil. O [pre]com certa indiferen[ça]

– Eu disse à [Cecap], dora, e como ta[mbém] gos. A infra-estru[tura]

O secretário [de] gênio Carlos Fer[reira] meio da entrevista [que] "o problema da[s fa]grandes centros [urba]menos dentro d[o] talista". É uma [ques]ta que gravita em [torno] industriais, e não [é] blema.

Pouco à vo[ntade] que se pode faze[r] manização das fa[velas] ções de habitação.

Esse quadro [é] com os índices [que] atualmente calcu[lam] O que se sabe é [que] tinha 205.366 h[abitantes]



...ersa com Pedro Fávaro

...E A CIDADE ESTÁ ASSIM:

...um ...etro a um metro e ...rá r...cessário fazer desa... ...e de ...reas construídas. A ...nife...tando através da im... ...niões estão bastante divi... ...ficaremos bem à vontade ...ão.

...ita que, com essas obras, ...tilhões que criavam pon... ...to, o alargamento e afun... ...rão evitadas enchentes já ...o verão.

...FALEMOS DE ...O QUE FAZER?

...é a habitação e a prolife... ...dade. O déficit habitacio... ...nto, de 5 mil casas – pa... ...afin..., para diminuir esse ...com... favelas? O prefeito

...nseg...r nunca erradicar as ...amo...poder fazer, através ...Co...bs e a Cecap, é ten... ...ruç...à de casas populares, ...Vil...Alvorada, em 1967. ...dé...sit habitacional, ou ...ma...tê-lo dentro dos ní... ...er...m, que ele cresça. ...a so...re o conjunto de ca... ...con...truindo em frente à ...lube...Jundiaiense, em ple... ...o e...ste nenhuma infra... ...ia, r...o há esgoto, o trans... ...efei...o sacode os ombros ...a e c...:

...cap...que ela é uma lotea... ...m c...e assumir os encar... ...é p...oblema dela.

...Saúde do município, Eu... ...qu...entrou na sala no ...nter...m para explicar que ...argi...alidade urbana nos ...nca...erá resolvido, pelo ...stru...ra do regime capi... ...rva...e mão de obra bara... ...orno...dos grandes centros ...há ...mo resolver o pro...

...e. F...varo conclui que "o ...ten...r, pelo menos, a hu... ...as...melhoria das condi...

...um pouco agravado ...cres...mento demográfico, ...os à...xa de 6,8% ao ano. ...seg...do o IBGE, Jundiaí ...ant...em 1975. Em 76,

a Prefeitura já detectou, através de seus cadastros, a existência de 236 mil habitantes na cidade, mas o prefeito não acredita que eles sejam menos do que 250 mil.

INDÚSTRIAS, SAÚDE, LAZER, ESCOLAS...

Na área da Educação, Fávaro informa que estão sendo construídas três escolas, na Vila Comercial, Jardim São Camilo e Jundiaí Mirim. O problema do Siqueira Moraes será resolvido assim: a Prefeitura doará uma área à Conesp, esta construirá o prédio e entregará à Prefeitura.

Indústrias? O prefeito acha o distrito industrial irreversível, "embora faça algumas restrições à sua filosofia". Ele informa que há cerca de 25 a 30 processos de indústrias que querem se instalar em Jundiaí. Fávaro lamenta apenas que, embora a Prefeitura esteja naturalmente de olhos voltados para a arrecadação do ICM, a maioria das indústrias que aqui se instalam produz para exportar, e a exportação, dentro da atual filosofia econômica do governo federal, recebe incentivos – o que tira da Prefeitura a oportunidade de aumentar a arrecadação do seu ICM.

A pergunta seguinte é sobre Saúde, e ninguém melhor que o secretário, ali presente, para responder. Ele diz que Jundiaí está fazendo uma experiência "de vanguarda" com a transformação do São Vicente em hospital universitário, tentando aproximar a comunidade acadêmica dos problemas da população. Quanto às unidades de serviço, está-se tentando transformá-las em centro de aplicação de medicina preventiva, ao invés de medicina curativa, como acontecia antes. Está sendo dada ênfase aos programas de vacinação e de assistência à gestante.

Mas os problemas básicos de saúde, bem o sabe o secretário, não estão ao alcance dos curtos braços de uma administração municipal. Boa alimentação, boas condições de vida, bons salários, boas condições de habitação. É isso que gera saúde. O que a secretaria está tentando é entrar no programa de suplementação alimentar da Secretaria estadual de Saúde, que fornecerá leite e gestal (proteína para gestantes) a serem fornecidos pelas unidades de serviço. Mas o dr. Engênio é conclusivo: "isso é um paliativo, não é uma solução".

Como o saneamento básico é um dos fatores mais importantes para a melhoria da taxa de saúde, o prefeito aproveita para encaixar aí uma informação: o DAE vai aplicar 5 milhões de cruzeiros em obras de saneamento básico.

A mortalidade infantil, enquanto isso, conforme informa o secretário de Saúde, têm índices crescentes: atualmente, na área de São Paulo e adjacências, é de 90 por mil. Um certo ar de impotência acompanha a enumeração desses dados.

E AGORA VAMOS FALAR DE UM PROBLEMA SÉRIO: DINHEIRO!

Dinheiro! Bem, a Prefeitura conseguiu prorrogar para janeiro de 78 o empréstimo de 70 milhões de cruzeiros da Caixa Econômica Estadual para o asfalto. (Que, informa o prefeito, vai ser cobrado em breve. Só falta terminar os cálculos de quanto vai sair o metro quadrado). Só no 3.o trimestre esse empréstimo engordará 7 milhões de juros e correção monetária. A Prefeitura deve 53 milhões e 700 mil ao Banco do Brasil, sendo que a primeira parcela desse empréstimo foi paga com 60 dias de atraso. Deve também 81 milhões ao Banco do Brasil. E mais 141 milhões ao BNH, pelo financiamento de obras de saneamente (leia-se avenidas).

"A situação que eu encontrei é mais grave do que aquela que eu pensei que ia encontrar" – sentencia Fávaro, para depois acrescentar estóicamente, "mas não podemos desanimar, vamos levar em frente".

A SITUAÇÃO É A SEGUINTE: 18 ANOS SEM RESPIRAR.

Fávaro diz que os municípios passaram a respirar um pouco desde que foi criado o ICM. E é como se Jundiaí ficasse sem respirar por 18 anos – o tempo que vai demorar para pagar as dívidas. Em 1995, Jundiaí terá pago 5 bilhões e 131 milhões de cruzeiros: 17 vezes mais do que o empréstimo tomado. Para exemplificar: em 77, Jundiaí arrecadará 120 milhões de ICM e pagará 100 milhões de dívidas. Em 78, deve pagar 139 milhões de dívidas, e arrecadar mais ou menos isso em ICM. Até o fim da atual gestão, Jundiaí terá pago 531 milhões em dívidas. O próximo prefeito terá que pagar 800 milhões de cruzeiros. Fávaro tem uma frase:

– Se é verdade o que dizem, que endividar-se é crescer, como Jundiaí cresceu!

E como serão concluídos os trechos de avenidas que a cidade construiu? Agora vem a parte mais importante, que é a interligação entre elas.

A Prefeitura já tem tudo preparado. Com base nos dados levantados pelo PAIT – Plano de Ação Imediata de Trânsito, e por um plano de viabilidade elaborado por uma empresa especializada por apenas 56 mil cruzeiros (o PAIT, na administração anterior, custou 2 milhões), está sendo preparado o Plano de Investimento Quatrienal. E esse plano servirá de subsídio para pleitear junto à EBTU – Empresa Brasileira de Transportes Urbanos – a liberação de uma verba de um bilhão e 500 milhões de cruzeiros. Os entendimentos já estão sendo feitos, e segundo o prefeito "tudo caminha bem". Esse dinheiro da EBTU não precisará ser devolvido. Não é um empréstimo, é um fundo perdido, aplicado sem retorno.

Fávaro garante que a aplicação desse dinheiro será feita livremente pelo município. Ele não acredita que haja "ingerências" para que a execução das obras seja entregue a esta ou aquela empreiteira. Pelo menos ele diz que até agora "não percebeu nada nesse sentido".

E POR FIM, FALEMOS UM POUCO DE POLÍTICA?

Fávaro diz que suas ambições políticas terminam por aqui. Ele já atingiu o máximo de suas pretensões: "ser prefeito de minha cidade". E diz que teria sido prefeito uma vez só, se não fosse "pelas circunstâncias bem conhecidas". Agora, pretende, se achar que deve, apoiar "algum candidato do meu partido" para deputado estadual, ou federal porque acha que Jundiaí precisa de uma melhor representatividade. Acha também que o ex-prefeito tem todo direito de tentar a sua candidatura, se bem que não vai propriamente torcer para que ele ganhe. "Não tenho nada contra o cidadão Ibis Cruz; tenho apenas contra a sua filosofia de administração, que é bem diferente da minha".

Depois de dizer que seu relacionamento com a atual Câmara é "perfeito", e de reafirmar que não pretende que Jundiaí se transforme numa "grande cidade", mas numa cidade onde seja possível viver ("fundamental – diz – é a qualidade de vida"), e de prometer que durante o seu governo nada de importante será feito sem que a comunidade seja consultada ("o problema fundamental da sobrevivência da cidade, que é a preservação do Vale do Rio Jundiaí Mirim, terá um debate amplo") o prefeito se despede com uma frase. E com essa frase ele pretende voltar ao começo da entrevista, quando foi usada uma palavra que parece tê-lo incomodado um pouco (a acusação de imobilismo). Então diz:

– A gente não é como a galinha, que canta a cada ovo que bota.

REGISTRO

HOMENAGEADO – Por seus 35 anos de trabalho na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos: Nelson Gomes, agente em Jundiaí. Recebeu um cartão de prata dos 66 funcionários da agência local.

HOMENAGEADO – Por serviços prestados à classe e à comunidade: dr. Alfredo Abaid, ex-presidente da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, seção de Jundiaí. Recebeu um diploma da APCD.

INAUGURADA – A sala de leituras do Grêmio Recreativo dos Empregados da Cia. Paulista, clube presidido por João José Duarte Neves.

CONGRESSO – Médico Décio Battistoni, chefe do Departamento de Pediatria do Hospital e Maternidade Jundiaí, está no Rio, participando do XX Congresso Brasileiro de Pediatria, com encerramento previsto para o dia 29 de julho.

PUBLICAÇÕES I – Está circulando mais um número de "Vozes da Catedral", órgão da Catedral Nossa Senhora do Desterro que já chegou ao seu número 27 e é distribuído gratuitamente. Nesse número, está sendo publicada a nota divulgada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a propósito da lei do divórcio, além de crônicas e notícias sobre as atividades da Comunidade, como, por exemplo, a realização do "Encontro com a Palavra de Deus", série de reuniões promovidas a partir de 25 de julho e aberta a "todos os que quiseram rezar, entender e viver a Palavra de Deus"

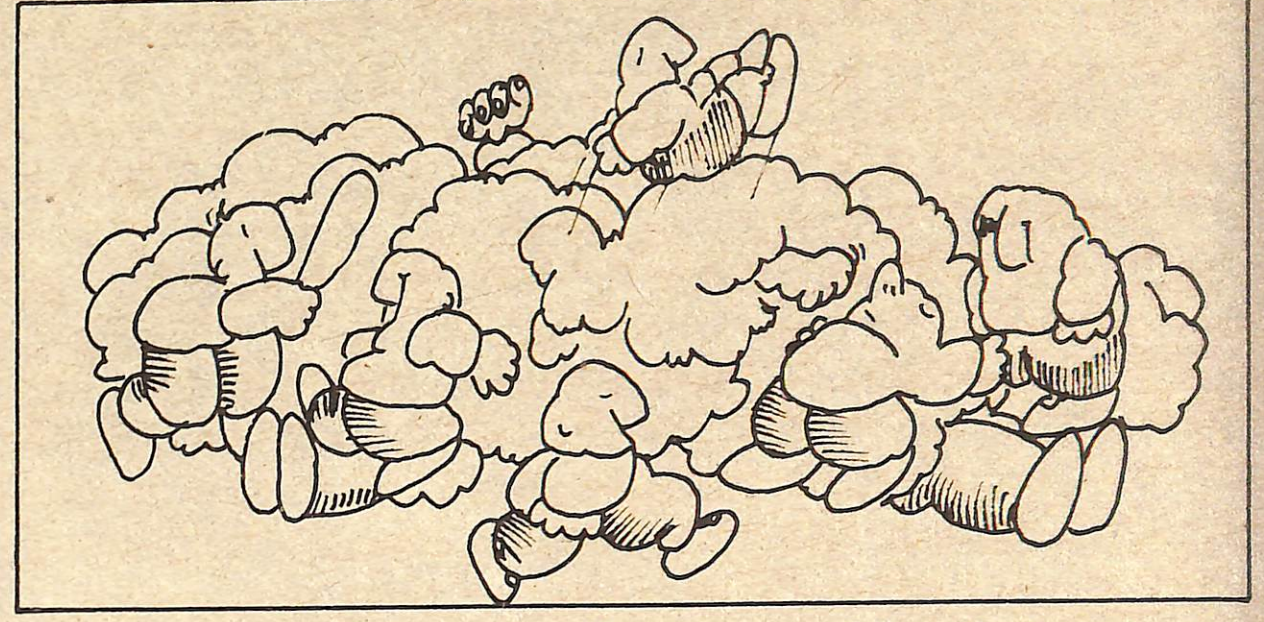
PUBLICAÇÕES II – Também circulando o n.o 3 do jornal Grêmio, **do Grêmio dos Empregados da Cia. Paulista. Uma das principais notícias: a compra de terrenos para ampliação do clube. O jornal informa também que o Grêmio já tem sua enfermaria e conta a história de "uma orquestra que deixou saudades" (a Universal). Distribuição gratuita, mas só para sócios.**



Abaid, homenageado.



Nelson, homenageado.



Briga em campo. E o São Camilo é nocauteado.

Eram decorridos 32 minutos do segundo tempo quando numa jogada considerada duvidosa pelos jogadores do São Camilo, o Alvorada marcou o seu gol. A partir daí aconteceu uma das maiores brigas já vista em jogos do Campeonato Varzeano da Liga Jundiaiense de Futebol. A torcida do São Camilo invadiu o campo, os jogadores agrediram o árbitro e adversários e o jogo acabou suspenso. Resultado; o São Camilo foi eliminado do Campeonato Varzeano deste ano.

Segundo Antonio Ovidio Bueno, presidente da Liga Jundiaiense de Futebol, o primeiro turno do Varzeano já tinha sido muito tumultuado, a ponto de não haver um domingo sem que houvesse invasão de campo ou agressão aos juízes. "A situação estava tão crítica – explicou Antonio Ovidio – que resolvemos adiar o reinicio do segundo turno por três semanas, só prá ver se os animos se acalmavam".

Além disso, a diretoria da Liga reuniu-se com os presidentes e representantes dos clubes e ficou decidido que o regulamento seria modificado: "o time que causasse tumulto em seu campo, colocando em risco a integridade de juízes e jogadores adversários, seria eliminado do campeonato". Todos os 32 clubes concordaram com o adendo ao regulamento. Alguns dias depois da reunião, que aconteceu no dia 4 de julho, ocorreu o incidente no campo do São Camilo, que acabou eliminado do campeonato.

O presidente Antonio Ovidio esclareceu que a medida foi adotada baseada no relatório do árbitro e do representante e deu seu ultimato: "a partir de agora, que não cumprir o regulamento vai ser eliminado".

O São Camilo é um time formado por um grupo de rapazes moradores na Vila Aparecida, Vila Joana e Jardim São Camilo. Sobrevive graças ao pagamento de pequenas taxas que variam de dez a vinte cruzeiros. Além disso, nos dias de jogos funciona um barzinho na beira do campo que vende bebida para a torcida e jogadores. Daniel Fernandes Brescancin, mecânico e diretor de Esportes, afirma que o clube é mantido com muita dificuldade e somente sobrevive graças à boa vontade dos jogadores e diretores, que pagam as pequenas taxas.

José Luiz Carbone, torcedor do São Camilo explicou que a torcida do Alvorada estava provocando briga e "até jogaram um dos nossos diretores num buraco que tem ao lado do campo. Depois o juiz deu aquele gol, depois da bola sair para fora, e aí a turma não aguentou mais e começou a briga". Na opinião de Daniel Fernandes, "a Liga tem que melhorar o nível dos juizes, porque assim não dá mesmo".

E o presidente da Liga, Antonio Ovidio Bueno, parece acreditar que realmente o nível de seus juízes não está realmente bom: "a gente vai tentar melhorar o nível dos juízes e representantes e aí quem sabe as coisas melhoram".

Ao São Camilo resta apenas o Campeonato Varzeano do ano que vem, já que a sua eliminação é válida apenas para este ano. Os pontos que tinha ganho ou perdido no primeiro turno foram anulados pela Liga, cujo presidente, na última reunião, não se cansava de alertar: "quem cometer indisciplina, vai ser eliminado mesmo. E não adianta ficar reclamando depois".

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 – 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 – 436.6704

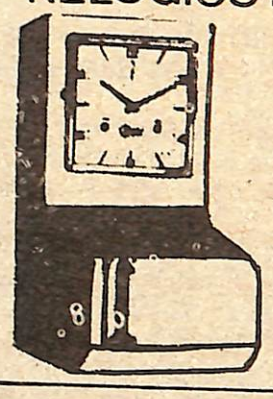
UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 – 434.1666

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



REVENDEDOR AUTORIZADO

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

BARÃO, 427 – FONE - 436.8231

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas, fabrica qualquer lente em 30 minutos.

Fones: 434 - 7363 – 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

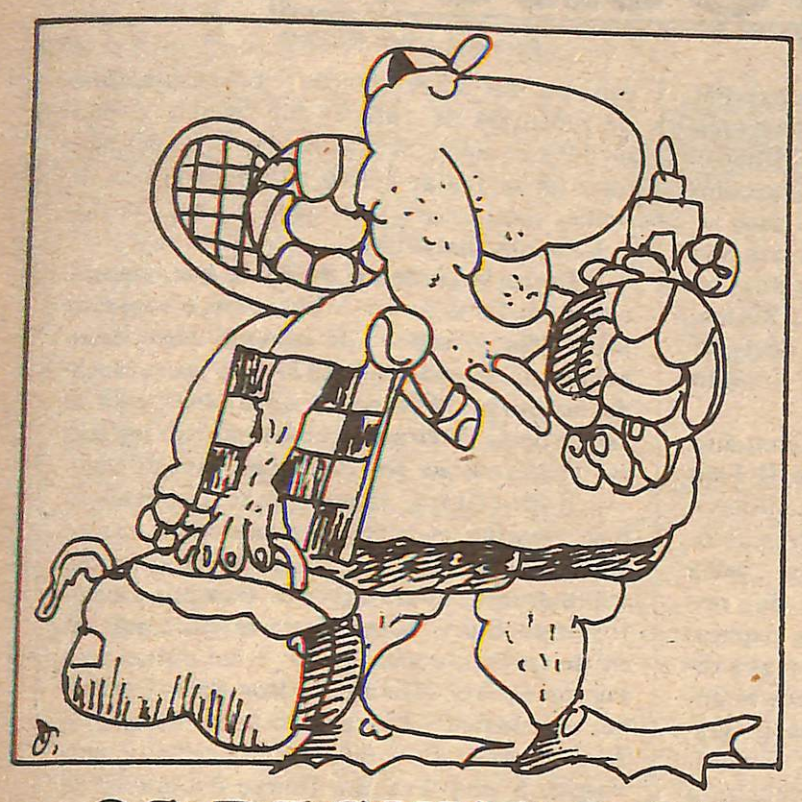
FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434 - 2253

CONHEÇA O BRASIL.



Existem muitos roteiros para você escolher
Venha nos visitar, ou consulte-nos
TURISMO CHECHINATO Ltda.
Rua Barão de Jundiaí, 260
Fones: 436-7004 e 434-0562

SURPRESA! JUNDIAÍ FOI BEM NOS REGIONAIS



OS RESULTADOS

Os resultados de 1976 não foram bons, de um modo geral. No ano passado Jundiaí participou dos jogos sem o mínimo de apoio, já que o prefeito Pereira da Cruz achou que o esporte competitivo não era o ideal, mas sim o esporte de massa, que contasse com a participação do povo. Por isso, Jundiaí cumpriu uma das suas piores campanhas dentro dos Jogos Regionais. Nesse ano o panorama foi um pouco diferente: a Prefeitura colaborou, as equipes tiveram um mínimo de preparo, dentro do tempo hábil disponível, e os resultados apareceram. Os quadros de honra de um ano para o outro mostram o que um trabalho sério à frente do esporte amador de Jundiaí pode resultar.

1976

Basquetebol masculino — 6.o lugar; basquetebol feminino — 1.o lugar; voleibol masculino — 4.o lugar; voleibol feminino — desclassificado; atletismo masculino — 4.o lugar; atletismo feminino — 3.o lugar; xadrez masculino — 4.o lugar; xadrêz feminino — desclassificado; natação masculino — 4.o lugar; natação feminino — 4.o lugar; tênis de mesa, masculino e feminino — declassificados; tênis de campo masculino — 4.o lugar; tênis de campo feminino — 4.o lugar; saltos ornamentais — desclassificados; futebol — desclassificados; judô — 3.o lugar; ciclismo — desclassificado.

1977

Basquetebol masculino — 3.o lugar; basquetebol feminino — 2.o lugar; voleibol masculino — 6.o lugar; voleibol feminino — 3.o lugar; atletismo masculino — 4.o lugar; atletismo feminino — 3.o lugar; xadrez masculino — 1.o lugar; xadrez feminino — desclassificado; natação masculino — 5.o lugar; natação feminino — 4.o lugar; tenis de mesa masculino — 3.o lugar; tenis de mesa feminino — 3.o lugar; tenis de campo masculino — 2.o lugar; tenis de campo feminino — 3.o lugar; saltos ornamentais — declassificados; futebol de campo — desclassificado; judô — 4.o lugar; ciclismo — desclassificado.

Nem mesmo os dirigentes, atletas ou os mais apaixonados esportistas da cidade esperavam, mas aconteceu: Jundiaí conseguiu um honroso terceiro lugar na contagem geral dos pontos dos Sétimos Jogos Regionais da Zona Leste. Na frente de Jundiaí ficaram Campinas (campeã) e Piracicaba (sede dos Jogos), consideradas desde o início do torneio como as grandes favoritas. As equipes de Jundiaí, com poucas exceções, sairam para a disputa sem grandes chances ou ambições e contrariaram todos os prognósticos, realizando campanhas muito boas.

Os resultados podem ser considerados como os primeiros sinais de um trabalho objetivo que está sendo realizado atualmente? Para Luis Geraldo Basile Lacerda, coordenador do DEFERT – Departamento de Educação Física, Esportes e Treinamento — a resposta é afirmativa. Ele explica que quando assumiu o DEFERT, a situação do esporte amador na cidade era péssima, havia um abandono total. O primeiro passo foi realizar um trabalho de estruturação e a partir daí, convidou diversos esportistas para participarem da nova fase, desta vez com objetivos definidos.

Os resultados obtidos nestes últimos Jogos Regionais chegaram a surpreender Luís Geraldo.

— A partir de agora, teremos de agilizar o programa, já que não esperavamos tão bom resultado para já. A classificação obtida mostra que estamos no caminho certo.

O coordenador do DEFERT faz questão de falar sempre em termos de "objetivos definidos para o esporte amador". Na sua opinião, até há pouco tempo as equipes participavam dos Regionais, Jogos Abertos e outras competições com pouco preparo físico e técnico. Em certas ocasiões, eram formadas praticamente às vesperas das competições e quando conseguiam alguns resultados positivos, era por causa do esforço individual de alguns atletas. Mas essa mentalidade começa a ser coisa do passado e os resultados dos Regionais deste ano provam isso.

Depois da surpresa, o entusiasmo tomou conta do pessoal do DEFERT. "A partir de agora — disse Luís Geraldo — temos mais condições de conseguir ajuda nas indústrias e no setor privado de um modo geral. Tentaremos afastar o esporte amador da dependência da Prefeitura, porque dessa forma ele não ficará sujeito às oscilações políticas.

Além de conseguir o apoio do setor privado, considerado fundamental para o desenvolvimento do esporte amador, o DEFERT pretende solucionar o que consideram um grave problema: a falta de dirigentes. "Se conseguirmos um dirigente de bom nível para cada modalidade, então tudo ficará mais fácil".

Para exemplificar, Luís Geraldo afirmou que muitos jogadores deixam Jundiaí para jogar em outras cidades, porque receberam ofertas de bolsas de estudo. Com a orientação de um dirigente, seria fácil manter esse atleta em Jundiaí. "O dirigente mantém contato diário com os jogadores e poderia solucionar esse tipo de problema, obviamente contando com a nossa ajuda do DEFERT.Tem atleta que deixa a cidade por uma bolsa de estudo que representa, mais ou menos, quinhentos cruzeiros por mês ou porque o patrão não o dispensou do serviço. Coisas relativamente simples de serem resolvidas, mas que acabam se complicando pela falta de alguém ao lado dos jogadores".

GENTE NOVA

Luís Geraldo foi jogador de volei durante muitos anos e conseguiu muitas vitórias para Jundiaí. Como conhecedor dos problemas do esporte de Jundiaí, acredita que terá condições "sempre com a ajuda de minha equipe", de conseguir realizar um bom trabalho. Para ele, tudo é questão de apoio: se existe, tudo fica muito mais fácil; se não existe, a situação se complica.

Em termos dos Jogos Regionais, que ele acompanhou do começo ao fim, o primeiro lugar do xadrez foi a grande surpresa, "não pela condição técnica dos jogadores, que demonstraram serem bons, mas pelo noviciado". Com raras exceções, as equipes que defenderam Jundiaí nos Jogos Regionais são formadas por gente jovem, com pouca experiência em competições desse gênero. Entusiasmado, Luís Geraldo esclareceu que os bons resultados apenas demonstram que o futuro do esporte amador reserva muitas alegrias para os jundiaienses. Principalmente pela idade dos atletas, que no caso da natação, gira em torno de oito e nove anos.

JOGOS ABERTOS

Em setembro serão realizados os Jogos Abertos do Interior e Jundiaí participará com as mesmas equipes que foram aos Regionais. Ainda nessa competição, não se espera grandes vitórias ou excelentes resultados. Os jundiaienses participarão mais para adquirir experiência, já que nos Jogos Abertos o nível técnico dos participantes é bem mais elevado. "Não temos grandes esperanças — explicou Luís Geraldo — porque o trabalho que iniciamos é recente e precisamos de mais tempo para obter os resultados esperados. Mas pode escrever aí: daqui a dois anos ninguém segura Jundiaí". **(S.H.)**

LEIA E ASSINE
O JORNAL DE 2ª
fone:434-8648

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436 - 4880

EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial – JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - Fone. 434.7507
CAMPINAS Matriz
SAO PAULO Filial
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227.0419 e 227.0453

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.
AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR
E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO
ASTRA
Rua Colégio Florence, 59 — Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798

Planos para o nosso teatro



Não se pode dizer que sejam poucas as pretensões da Comissão de Teatro e Cinema do Conselho Municipal de Cultura, muito pelo contrário. Há, pelo menos, a disposição de se fazer um trabalho na cidade equivalente à deflagração de uma verdadeira revolução teatral, levando-a a todos os bairros da cidade.

O presidente da Comissão, Décio Viotto (foto), um estudante de Jornalismo de 20 anos, não esconde sua satisfação com o desenvolvimento do trabalho. A primeira etapa será o convite aos professores do 2.o Grau para que formem grupos teatrais em suas escolas visando o festival que será realizado.

A comissão, por sua vez, terminará a montagem de uma peça padrão para apresentá-la, experimentalmente, num bairro da cidade. Eliminadas as eventuais falhas, os grupos inscritos irão apresentá-la em seus respectivos bairros. A partir daí começará a seleção dos melhores grupos.

Os objetivos do festival são, basicamente, revelar os talentos que se encontram escondidos e levar o teatro à todas as camadas da população, que verá representados os problemas urbanos que encontram no cotidiano. Além disso, existe a intenção, mais remota, de formar um grupo profissional com integrantes de Jundiaí.

– Antes da realização do festival – conta Décio – convidaremos pessoas de teatro para dar palestras, vamos ensinar como se monta uma peça e mostrar as técnicas teatrais para os participantes do grupo. Tentaremos dar um verdadeiro curso de teatro para que as apresentações sejam bem feitas.

Com todos esses planos, a Comissão tem apenas Cr$ 20 mil, uma quantia que se pode considerar insignificante. Contra isso, Décio pretende conseguir fundos com a promoção de peças de São Paulo em Jundiaí a algumas contribuições. Visando economia, o festival deverá se realizar da maneira mais simples possível.

– Na comissão – falou Décio – a parte que está mais adiantada é a do teatro. Mas nós também estamos cuidando do cinema. Temos intenção de promover uma "sessão da meia-noite", se possível no cine Marabá, onde serão apresentados bons filmes. Existe idéia de trazer quatro filmes brasileiros, entre eles "Deus e o Diabo na Terra do Sol" e quatro filmes de Charles Chaplin. Isto, para começar.

Por enquanto, tudo ainda está em nível de plano. A comissão pretende executá-los o mais breve possível, mas sabe das dificuldades que terão de enfrentar. De um lado, a precariedade dos recursos oficiais. Do outro, a falta de hábito de uma grande parcela de jundiaienses em apreciar teatro e cinema.

DISCO & SHOW

Pedro Autran Ribeiro

Quem tem aparelho de rádio com FM deve aproveitar para ouvir nesta segunda-feira na Rádio Jovem Pan, a partir das 21 horas, **O Fino da Música n.o 3,** pois quem não comprou ingresso não terá nem a chance de ir ao Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo: as entradas estão esgotadas há duas semanas. O programa vai mostrar Elis Regina, João Bosco, Ivan Lins, o conjunto de César Camargo Mariano, Renato Teixeira e o novato Cláudio Lucci.

Muita gente reclamou que, ao contrário dos dois primeiros espetáculos, este O Fino n.o 3 está dando mais destaque aos cantores e com músicas atuais (nos dois primeiros, a tônica foi a música instrumental da "velha guarda"), mas Fausto Canova, um dos responsáveis pela organização do **show**, explica:

– Nós não nos propusemos apenas a divulgar música instrumental ou só música antiga, quando iniciamos esta série de programas. O que nós queremos é divulgar só música brasileira e de alta qualidade, seja ela nova ou antiga, vocal ou instrumental.

Intenção das mais louváveis, aliás, e que tem sido prestigiada por um público enorme e entusiasta. De qualquer forma, vale a pena ouvir o programa de hoje, mesmo em ondas médias e mesmo que o seu FM não seja estéreo.

Nesse espetáculo será interessante notar as músicas de Cláudio Lucci, um novato nem tão novato assim, ex-integrante do conjunto Moto Perpétuo e que tem duas músicas incluídas no novo disco de Elis Regina. E sempre é bom lembrar que Elis pode fazer o sucesso de um compositor, como aconteceu recentemente com Belchior.

Falando em Belchior, seu novo LP, **Coração Selvagem,** lançado pela WEA, já entrou nas paradas de sucesso do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas sem a metade do impacto do disco anterior. Além de não ser mais novidade, Belchior insiste no perigoso caminho da repetição (não se trata de uma linha de composição ou de interpretação, mas exatamente de repetição de tudo o que foi dito e feito no LP anterior). Se não mudar logo, Belchior logo vai se juntar a uma interminável lista de nomes esquecidos, por culpa própria, da Música Popular Brasileira.

Outro lançamento da WEA, mas internacional, é Time and a Word, **com o conjunto inglês Yes. Trata-se do segundo disco desse conjunto, gravado em 1970 e só agora lançado no Brasil. Vale como curiosidade, para se ver de onde partiram os cinco músicos ingleses até chegarem ao seu discutível som de hoje.**

E continuam, como sempre, os boatos de que grandes atrações internacionais vão se apresentar no Brasil. Os mais recentes dão conta de que, ainda este mês, o cantor e maestro negro Barry White estará fazendo uma série de apresentações no Rio e em outras capitais brasileiras. Outros boatos dão conta de que o conjunto Chicago viria em dezembro. As duas atrações teriam sido contratadas pela Vasglo, a empresa que trouxe o Genesis. Se não se confirmarem os boatos, só vamos lamentar a falta do Chicago porque Barry White e seu som meloso, ultra-comercial, já se tornou insuportável até para os norte-americanos.

As apresentações de White, ainda de acordo com os boatos, seriam feitas, no Rio, no ginásio do Maracanazinho. Um tremendo erro, como ficou demonstrado na apresentação da italiana Ornella Vanoni no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, quando a cantora teve um ataque de histeria diante de quase 12.000 pessoas que preferiam ouvir Toquinho e Vinicius às suas músicas desconhecidas. Barry White também não tem público suficiente para ouví-lo num ginásio de esportes.

Mais esperta que Ornella Vanoni foi a holandesa Maggie McNeal, que vendeu mais de 100 mil compactos no Brasil com a música "When You're Gone": só fez uma apresentação em televisão, com **play-back,** preferindo não se arriscar e prometendo voltar com seu próprio conjunto.

TEATRO, O PROGRAMA DESTA TERÇA FEIRA EM JUNDIAÍ.

Leonardo Vilar e Maria Della Costa juntos, numa peça de teatro; e em Jundiaí.

É verdade: eles estão em "A Mala", peça que será apresentada nesta terça-feira, dia 26, às 20h30, no Cine Alvorada.

A peça foi montada inicialmente em Buenos Aires, em 1969, e, entre outras coisas o autor – Júlio Maurício – escreveu: "Agora será o que não há sido", "Motivos" e "Um Largo Dia Cinzento".

É Leonardo Vilar quem explica a escolha do texto de Maurício:

– Quando Maria Della Costa e eu resolvemos montar um espetáculo, a dificuldade foi enorme. Lemos uma porção de textos nacionais, alguns bons, outros fracos, outros censurados. Só que, pelas condições em que teríamos de viajar, tivemos que optar pelo texto do argentino Júlio Maurício, "A Mala". É uma comédia leve, sem muito compromisso, e que só precisa de três atores.

Eles já viajaram por mais de trinta cidades, nesta excursão. Maria Della Costa vem animando o teatro brasileiro desde os tempos dos "Comediantes", considerados os renovadores do teatro brasileiro há vinte anos. De lá para cá, trabalhou em vários espetáculos, formando sua própria companhia. Aí sucederam-se os sucessos de "O Canto da Cotovia", "Mirandolina", "A Respeitosa", "Pendura a Saia", "Manequim", "O Golpe Sujo", além da primeira montagem de um texto de Brecht no Brasil e de ter viajado por outros países com "Gimba", de Gianfrancesco Guarnieri. Foi a personagem Olga na novela "Estúpido Cupido".

Leonardo Vilar saiu do teatro para o cinema quando trabalhou em "O Pagador de Promessas", filme que ganhou a Palma de Ouro em Cannes. Recebeu recentemente o Prêmio Moliére de melhor ator por sua interpretação em "Gente Difícil", junto com Ítalo Rossi. Fez ainda: "O Preço", "Panorama Visto da Ponte", "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", "A Grande Cidade" e "O Santo Milagroso". Também trabalhou em "Estúpido Cupido" – era o Guima. Além deles, trabalha o jovem Rômulo Marinho Júnior, que começou no teatro em Brasília e depois foi para o Rio de Janeiro.

O grande problema que o trio tem encontrado em sua excursão é a falta de locais adequados. Vilar:

– Já viajamos, nesta excursão, por mais de trinta cidades do País e só em quatro delas fomos encontrar as condições razoáveis para desempenhar. E olhe que nosso espetáculo exige muito pouco de cenário.



Vilar, Maria Della Costa e a mala.

CINEMA

Sai King Kong, entra Rocky.

Depois de dias e dias de agradável convivencia com os jundiaienses – foi até citado na coluna do Chiosora – nosso bom King Kong deixa a cidade dia 28. Mas Rocky, "jaqueta dez às costas", como diriam nossos inspirados locutores, já está sendo massageado. Entra no lugar de um filme destinado ao pessoal da "Escola de Samba da Água com Açúcar" – "Uma janela para o Céu". Completando a semana cinematográfica, uma reprise para as crianças: "A Ilha do Topo do Mundo", último grande sucesso dos estúdios Walt Disney.

"Uma Janela para o Céu" vai até o dia 27 no Marabá. Foi baseado na vida de uma campeã de esqui, Null Kinmont, tida como revelação para as Olimpíadas de Inverno de 1956 e que sofreu um acidente que a deixou paralítica. Bem que o tema daria para uma reflexão sobre a condição humana, mas acabou resultando num drama meloso. Com Marylyn Hassett, Beau Bridges e Belinda J. Montgomery.

"Rocky" entra a seguir (dia 28). Seu autor e principal ator, Sylvester Stalone (italiano de origem, como o personagem), é filho de um monge italiano que largou a batina e formou uma cadeia de escolas de beleza em Manhatan. Stalone tentou durante dois anos vender sua história sobre um pugilista de terceira categoria que, inesperadamente, é escolhido para lutar com o campeão mundial dos pesos-pesados. Por fim, conseguiu fazer o filme e acabou ganhando o último "Oscar", derrotando concorrentes de respeito como "Todos os Homens do Presidente", "Esta Terra é Minha Terra", "Network" e "Pasqualino, Sete Belezas". Stalone está bem acompanhado no filme: a atriz principal é Talia Shire, irmã de Francis Ford Coppolla, diretor de "O Poderoso Chefão".



Stallone e Burgess Meredith, em "Rocky".

Depois de **"King Kong"**, o Ipiranga vai apresentar **"A Ilha do Topo do Mundo"**, história de um arquéologo americano, um capitão francês e um milionário inglês que formam a tripulação de um gigantesco balão dirigível, numa expedição ao ártico. O objetivo é encontrar um jovem que ali se perdeu. O filme relembra os relatos de Júlio Verne e Edgar Rice Burroughs. Os efeitos especiais belíssimos compensam algumas ingenuidades. Com Michael Gwyllih e Agneta Eckemyr. Começa dia 29.



Maria Helena e Horácio, os iniciadores.

E O NOSSO CINE-CLUBE DEU CERTO

Nem todos estavam confiantes no sucesso de uma empreitada à primeira vista temerária: organizar um cine-clube em Jundiaí sem contar como nenhum material próprio. Mas deu certo, para total satisfação de Maria Helena Damásio e Antonio Horácio de Almeida Marques, que tomaram a iniciativa.

A idéia surgiu na UNICAMP, onde ambos estudam. Maria Helena – 19 anos, 2.o ano de Engenharia de Alimentos – e Horácio – 19 anos, 1.o ano de Economia – foram a algumas sessões do cine-clube da escola. Durante as viagens de ônibus, eles começaram a traçar os primeiros planos para o cine-clube de Jundiaí.

– Lá na escola – fala Maria Helena – comecei a aprender a lidar com o projetor de 16 mm. Assim, quando fomos pedir emprestado o da Prefeitura, foi muito mais fácil. A primeira pergunta que fizeram foi: "você sabe mexer nisso?". Como já tinha treino, não foi difícil.

A eles se juntaram outros estudantes e, há um mês, fizeram a primeira sessão, exibindo filmes canadenses no salão nobre da Biblioteca Municipal. Havia pouco mais de 20 pessoas na ocasião. Na semana seguinte, esse número pulou para 80, chegando a quase noventa na terceira sessão.

– Quando eu vi que estava dando certo – disse Horácio – me deu uma satisfação muito grande. Nós começamos do nada.

Mas o sucesso não foi obra do acaso:

– A gente sabe que o cinema é muito mais fácil de atingir as pessoas – falou Maria Helena –, além disso projetar um filme dá muito menos trabalho do que a montagem de uma peça de teatro. E sai bem mais barato.

Os filmes das três primeiras sessões todos curta-metragens, foram conseguidos em consulados de diversos países gratuitamente. Agora a intenção é projetar longa-metragens com uma preocupação fundamental: a boa qualidade cinematográfica.

O cine-clube ainda não está constituído legalmente. Mas isso ainda depende de algumas decisões no que diz respeito à sua forma de funcionar. De qualquer forma, já está atuando e a cada semana aumenta o número de frequentadores da biblioteca nas noites de terça-feira.

Nesta semana, o cine-clube vai apresentar a longa-metragem "São Paulo S.A.", dirigido pelo falecido Luís Sérgio Person. O dia, horário e local deverão ser noticiados pela imprensa diária.



JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

O Tratado de Versalhes , ao fim da Primeira Guerra Mundial, proibia a Alemanha de construir novos aviões militares e a obrigava a destruir os 15 mil existentes. Como explicar então a temível força aérea dos alemães 20 anos depois? Esse é o tema de "O apogeu da Luftwafee", de Hebert Molloy Mason, Jr. Lançamento da Record, 310 páginas, Cr$ 98,00.

A Editora Forense lançando de Nilton Machado Barbosa "Interpretação da Nova Lei do Inquilinato". Trata-se de um trabalho que esmiuça o Decreto-lei n.o 1.534, conhecido como "Denúncia vazia".

Per Johns, carioca de Ipanema, que já traduziu "Gritos e Sussurros", de Ingmar Bergman, estréia como autor com o livro "A revolução de Deus". O livro é um manifesto, catequese, panfleto, conto, novela, fábula? O autor prefere deixar a definição para o leitor. Lançamento da Nórdica.

"Garabombo, o invisível", do peruano Manuel Scorza, está sendo lançado em segunda edição pela Civilização Brasileira.

O livro é um descongestionante cerebral, indicado para os que sofrem de fadiga, mau humor, irritação, cansaço crônico e, especialmente, para os que não sofrem de coisa alguma. É assim que Leon Eliachar apresenta o seu livro "O homem ao zero" que a Francisco Alves está lançando agora em quinta edição, 289 páginas, Cr$ 65,00.

A Editora Paz e Terra anunciando os seus próximos lançamentos. "A questão agrária e o capitalismo", de Samir Amin e Kostas Vergopoulos, "Capitalismo e escravidão no Brasil meridional", de Fernando Henrique Cardoso, segunda edição: "Política e trabalho no Brasil", do professor Paulo Sérgio Pinheiro, da Unicamp, segunda edição; "Ação cultural para a liberdade", de Paulo Freire, segunda edição; e "Os partidos e as eleições no Brasil", trabalhos de vários autores, coordenados por Bolivar Lamounier e Fernando Henrique Cardoso.

Mais um romance da excelente Agatha Christie: "Os quatro Grandes", 204 páginas, Cr$ 60,00. Lançamento da Nova Fronteira.

Com tiragem de 30 mil exemplares, a Editora Atica está lançando "Os agricultores arrancam paralelepípedos", sexto livro do mineiro Garcia de Paiva. Com ilustrações de Elifas Andreato, o volume de 56 páginas custa Cr$ 19,00. O primeiro livro de Garcia de Paiva foi a novela "Ontem", de 1966, cuja reedição está prevista para este ano ainda.

Mais mineiros: Edgar Pereira, de Belo Horizonte, estréia no livro com o romance "Violeta Trindade". Geraldo Dias da Cruz, de Uberaba está lançando "Crepúsculo para a paz", da Editora do Escritor.

"Comunicação em prosa moderna", de Othon M. Garcia, está sendo lançado em quinta edição pela Editora Fundação Getúlio Vargas. Obra lançada em 1967, aborda, em suas 508 páginas, temas como estrutura sintática da frase, processos sintáticos, organização do período, feição estilística da frase, discurso direto e indireto, os sentidos das palavras, como enriquecer o vocabulário.

"Meus contos não são contos alegres porque detalham certos personagens com os quais convivi nos meus primeiros dias ou deles tomei conhecimento. Enfim são observações que coletei e que agora resolvi documentar, depois de efetuar detida seleção dos fatos e coisas verídicas". Assim, Marili Ramos, 70 anos, irmã de Graciliano Ramos define o seu novo livro "Ficção e realidade" que acaba de ser lançado em Maceió.

Endereço para correspondência: rua Milton de Souza Meireles, 461, Parque Continental, CEP 05340, São Paulo, Capital).

Fique Sabendo

TELEFONES – O prazo para pagamento das contas do mês de maio vence neste dia 28. Quem ainda não fez opção bancária ou fez a opção recentemente deve ir até o Banco do Estado (rua Barão de Jundiaí, 868).

TRENS – Novo horário dos trens de Jundiaí para São Paulo (subúrbios): 4h47, 5h20, 5h42, 6h46, 8h15 (aos domingos, 8h25), 10h44 (aos domingos, 10h35), 14h15, 16h30, 17h30, 19h20 e 21h35. A Rede Ferroviária Federal suprimiu o único trem que saía daqui para Santos, 5h34. E o trem que saía da Capital para o interior às 5h45 tem agora seu ponto inicial em Jundiaí, saindo para o interior às 6h44.

LEILÃO – Dia 4 de agosto, a partir das 14 horas na sede do 11.o BPM/I, aqui em Jundiaí, será realizado um leilão de veículos apreendidos pela Polícia Militar na cidade e que não foram retirados pelos donos nos prazos dados pela lei. O lance inicial foi estabelecido em Cr$ 6 mil, para os três lotes a serem leiloados, num total de 15 veículos, todos tidos como sucata.

CONCURSO – A Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí avisa que termina no final deste mês o prazo de inscrições para seu Concurso de Piano. Informações: rua Barão de Jundiaí, 403.

Pombas!

Agora sim, o progresso instalou definitivamente na terra de Petronilha. Uma obra de vulto, digna de todo um passado repleto de exemplos grandiosos. Um marco na moderna arquitetura, um recorde em tempo de construção. É a tecnologia, é o futuro que chegou antes para Jundiaí.

Com vocês, a obra do século: o bebedouro para os pombos na Praça Governador Pedro de Toledo. Pelo menos, é mais útil à vida, mesmo sendo de pombos, do que algumas das chamadas grandes obras da moderna tecnologia. Seria demais se a gente fizesse um abaixo-assinado pedindo bebedouro para uns bairros da cidade? (K.)



CURRICULUM

Eu, por exemplo, jamais poderia ser candidato a presidência da República.

Eu não tenho fotografia da casa em que nasci. Eu não tenho fotografia da minha turma de escola, da qual eu era o primeiro aluno. Eu não tenho fotografia do começo da minha carreira. Eu não tenho fotografia minha ao lado de nenhum ex-presidente.

Disputar só com meu titulinho de eleitor, reconheço, não dá. (E.M.)

Entre na corrente da segurança.



Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

Caderneta de Poupança
Habitacional APE
Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí



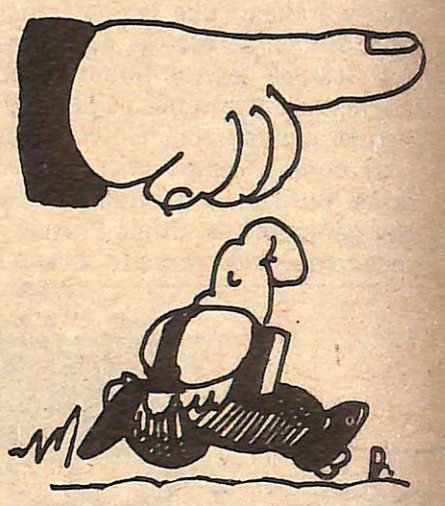
AO POVO DE VILA MARINGÁ

O embaixador Roberto Campos resumiu em quatro variantes os enfoques do dilema "crescimento versus distribuição de renda". Toma nota aí, povo da Vila: enfoque **maximalista,** enfoque **caroticrático,** enfoque **confiscatório** e enfoque **redirecional**, saca? (E.M.)

SEM LUGAR

O reitor José Carlos de Almeida Azevedo (anota aí o nome dele) reitor da Universidade de Brasília, expulsou trinta estudantes.

Lugar de estudante é na . . . ah, deixa pra lá! (E.M.)



O QUE SERÁ?

Sei não, mas existe alguma coisa no ar além dos aviões de carreira. Um cine-clube aqui, uma AUJ ali, um movimento sério de teatro acolá, e tudo acontecendo em Jundiaí. Média de idade desse pessoal: 21 anos. Será isso o despertar do futuro? (K.)

DEU NA "VEJA"

O deputado socialista Carlos Lage, de Portugal, fez severas críticas aos órgãos de segurança brasileiros, afirmando que eles teriam provocado "500 mortes em nove anos".

E ninguém cassa uma besta dessas, ó Jesus! (E.M.)





CADEIRA ELÉTRICA É MAIS RÁPIDA

A justiça norte-americana decidiu que os anarquistas Nicola Sacco e Bartolome Vanzetti, acusados de assassinato, eram inocentes. Sacco e Vanzetti foram eletrocutados 50 anos atrás. Segundo disse um assessor do governador de Massachussets, estado onde eles foram executados, "Sacco e Vanzetti foram vítimas do preconceito da época contra estrangeiros e dissidentes". Como dizia o conselheiro Acácio, a Justiça tarda mas não falha. Só que a cadeira elétrica é mais eficiente: não tarda e nem falha. **(S.V.)**

ESTRUMENTO

No minuto final do programa "Festa na Fazenda" de domingo passado (Rádio Santos Dumont) o apresentador Ricardinho pediu que os presentes ao auditório "ficassem nos seus lugares" que ele iria distribuir "um jornalzinho" que falava do último torneio de viola. E nada mais disse nem lhe foi perguntado.

Prestígio é isso, cumpadre. **(E.M.)**



PRESTE ATENÇÃO NO "CORAÇÃO"

"Coração", o jornal da torcida corintiana, estava preparando uma capa original para a sua edição desta semana, antes do clássico Palmeiras-Corintians: um porco (um verdadeiro porco, um suíno mesmo) vestido com a camisa do Palmeiras. Eu, como palmeirense, e em represália a tão deselegante referência à nossa querida agremiação, venho a público denunciar: os editores de "Coração" são todos são-paulinos. **(S.V.)**



DR. SABIN

O Dr. Alfred Sabin, aquele que inventou a vacina contra a paralisia infantil, numa conferência realizada recentemente em Salvador, disse que a maneira como a sua vacina está sendo aplicada no Brasil está totalmente errada. Diz que cansou de advertir os ministros da Saúde – já falou com 3 deles, inclusive o atual. Disse mais que essa campanha de vacinação em massa, do jeito que está sendo feita, foge completamente aos padrões e não dá resultado. E nada mais disse, nem lhe foi perguntado. E nem ao ministro da Saúde foram perguntar nada. Cadê a grande e vibrante imprensa? **(S.V.)**



QUE PENA

Pena que essa tal de Bolívia não vai disputar a Copa do Mundo, né, Coutinho? **(S.V.)**

DEU NO DO

Saiu na primeira página do "Diário Oficial do Estado", edição de 12 de julho:

"Artigo 1.o – É instituído o "Dia dos Síndicos", a ser comemorado, anualmente, no dia 30 de novembro".

Ainda sou mais "A Noite do Campeões". **(A.F.)**

SUCESSÃO

O secretário geral da Arena, deputado Nelson Marchezan, garantiu na semana passada que ainda não há nenhum candidato à Presidência da República. E completou: "A imprensa é que vem especulando o assunto . Essa imprensa. . . tsk, tsk, tsk. **(S.R.)**

PRESTE ATENÇÃO NA "FOLHA"

Atenção leitores assíduos e entusiasmados da "Folha de São Paulo", principalmente os que apreciam sua atual linha editorial. Prestem bastante atenção que essa linha vai começar a mudar. Devagarinho, devagarinho, mas vai. Tarso de Castro, editor do "Folhetim", suplemento dominical, não está mais lá. E outras coisas devem acontecer. **(S.V.)**

MANO A MANO

Os Estados Unidos decidiram desvalorizar o dólar.

O Japão e a Alemanha Ocidental ficaram apavorados.

Já nós, partimos pra cima dos homens: desvalorizamos o cruzeiro. Com nós é assim, falô? **(E.M.)**



DÁ-LHE, SMITH!

O primeiro ministro da Rodésia, Ian Smith, dissolveu o Parlamento, convocou eleições e anunciou que os novos parlamentares reformularão a Contribuição para que seja possível incluir no governo "os negros dispostos a trabalhar pela paz". E o dia em que os negros resolverem dissolver Ian Smith, votar nessas tais eleições e reformular a Constituição para que seja possível excluir do governo os brancos que inventaram o **apartheid? (S.V.)**



CACHORRO CRU

Agosto já está sendo anunciado com uma novidade, mesmo para a senhora, minha querida dona-de-casa, a quem não interessa a política: o gás de cozinha vai a 72 paus.

Mês de cachorro louco é isso aí, dona Antônia. **(E.M.)**

O LUGAR CERTO

Deu nos jornais: o cardeal Lefèbvre rezou sua missa proibida no Chile. Mais uma vez, o homem certo no lugar certo. **(S.A.)**

MODELAR

Segundo notícias de Brasília, é quase certa a criação de um novo organismo ligado à estrutura política da nossa república: o Poder Moderador, constituído por civis e militares.

Adivinhe quem vai ser minoria? **(E.M.)**

FAVOR NÃO INSISTIR

De um adesivo plástico num carro estacionado no Centro:

"Este carro está equipado com o sistema x de segurança contra roubos. Por favor, não insista. Tente o do lado". (Pela transcrição, **AF**)

TINPAR TINTAS E PARAFUSOS LTDA.

PARAFUSOS
PORCAS E ARRUELAS DE TODOS OS TIPOS
DOBRADIÇAS EM GERAL
DISTRIBUIDOR DE ELETRODOS ESPECIAIS.

Av. Dr. Cavalcanti, 742 – Fones, 436.4486 – 434.9099

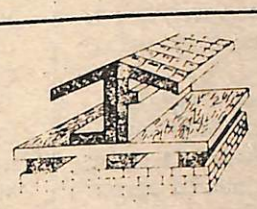
FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 – Tel. 436 - 8460

JOÃO FILIPPINI S. A.
O REI DA MADEIRA



Pisos – Azulejos – Materiais Sanitários
E uma infinidade de artigos para
sua construção
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL

Av. Dr. Cavalcanti, 820 – Fones, 434.3398 – 434.9197
JUNDIAÍ – SP

COMÉRCIO DE COUROS



Colas as mais variadas (Cascola, Lavulfix e outras).
Vaquetas, atanados, solas.
Pregos, taxa, saltos e tintas em geral para calçados.

Rua Dr. Torres Neves, 338
Tel. 434 - 9541

O CRIME VESTE FARRAPOS

NOS ÚLTIMOS MESES, AUMENTOU O NÚMERO DE CRIMES NA CIDADE. OS INDIGENTES SÃO ACUSADOS.

Elza Gomes, 34 anos, golpeou com uma faca a Maria Sonia Rodrigues – 24 anos, no dia 19 às 10h30. A vítima, atingida no alto da coxa esquerda, teve a artéria femural seccionada. Com a demora no seu atendimento ela morreu ao ser internada no Pronto Socorro Municipal, devido à forte hemorragia. A agressora que foi presa, alegou que teria sido agredida a pauladas pela vítima antes do incidente.

Antonio Alves Lima, de 25 anos, era responsável por uma barraca no parque de diversões Zander, instalado defronte à Eletroradiobraz. No dia 17 de julho, três estranhos discutiram com ele. Antonio acabou sendo esfaqueado no peito, morrendo a caminho do Pronto Socorro Municipal. Um colega que havia ido ajudá-lo, também foi golpeado, ferindo-se levemente. O agressor e seus companheiros fugiram.

Enquanto os moradores estavam ausentes no dia 17, ladrões invadiram a residência de Edgar Peixoto – rua Professor Luís Rosa, 239 e levaram Cr$ 60 mil em jóias, dinheiro e outros objetos. Os ladrões entraram arrombando uma das portas.

Nesse mesmo dia, o vigia Antonio Moreira de Oliveira, que trabalhava na Cevi-Engenharia, entrou no quarto 41 do alojamento dos funcionários e atirou em Antonio Alves Sobrinho e José Antonio Nascimento, fugindo em seguida. As vítimas foram hospitalizadas.

Raquel Ferreira – 23 anos – estava num bar da rua Vigário JJ Rodrigues na noite do dia 14. Ao sair do sanitário, levou uma pancada na cabeça, desmaiando. Ao recobrar os sentidos, segundo suas declarações, estava jogada no depósito do bar completamente despida e com escoriações. O autor é desconhecido.

Três operarários, ao voltarem para a pensão onde moram, no dia 14, notaram o desaparecimento de vários pertences, inclusive dinheiro. A polícia está investigando.

Dois menores, no dia 12, assaltaram Luiz Carlos Ferreira de Jesus, levando Cr$ 400,00.

José de Castro foi assassinado na noite do dia 12, na estrada velha de Campinas, com um tiro calibre 22. Ele era casado e pai de duas crianças.

Há alguns meses, os jundiaienses estão lendo notícias desse tipo nos jornais diários locais com muito maior frequência. Os crimes contra a pessoa são em muito menor número que os contra o patrimônio, mas isso é uma questão de estatística apenas. À primeira vista, parece estar ocorrendo uma das mais graves patologias sociais: o aumento da criminalidade.

O delegado titular de Polícia de Jundiaí, Clóvis Arnaldo Sproesser, atribui o grande número de crimes aos migrantes que passam pela cidade:

– Esses casos esporádicos não foram cometidos por pessoas que moram na cidade, mas por aquelas que vêm de fora. Os assaltos contra os caminhões de entrega de café, cigarro, foram cometidos por marginais vindos de fora, ainda não identificados.

Quanto ao crime na praça Floriano Peixoto, na semana passada, onde morreu uma indigente, o delegado culpou a "índole, o instinto de maldade" dessas pessoas desembarcadas na cidade sem nenhum recurso. Por isso, considerou como inevitável o incidente, já que sua prevenção era policialmente impossível.

O problema do amento dos migrantes, para ele, é também responsabilidade da assistência social. Disse que é necessária uma ação de controle para saber realmente quem são as pessoas que realmente necessitam de ajuda para chegar onde querem.

– Aqueles indivíduos chegam e encontram uma certa hospitalidade por parte dos moradores da cidade a acabam ficando uns dias por aqui. Os problemas que trazem acabam aumentando nosso volume de trabalho. Mas a maioria que provoca os incidentes são vadios.

O delegado Sproesser acredita que dê bons resultados um serviço conjunto entre a Polícia e os órgãos assistenciais. Sobre a criminalidade de Jundiaí, ele diz que não há nada a destacar, apenas furtos comuns. Exceto Valdir Aparecido Marques, considerado um perigoso assaltante e que está foragido.

Para o bancário aposentado Danilo Toledo, que trabalha voluntariamente duas a três horas por dia no Serviço de Obras Sociais – SOS – a maioria dos migrantes é produto da mecanização da lavoura no Paraná. Sem condições de sobrevivência, os antigos trabalhadores procuram outras regiões, mas sempre estão sem dinheiro e com poucos meios de sobrevivência durante o trajeto.

– Estatisticamente eles têm aumentado muito – diz Danilo – é uma massa tão grande de necessitados que representa um encargo social muito grande. Nós procuramos atender na medida do possível. Isto não é só um caso social, é também da polícia.

As pessoas que procuram o SOS – às vezes, famílias inteiras são entrevistadas pela assistente social, tomam tanho, recebem roupa limpa, comida e cama, enquanto aguardam serem resolvidos seus problemas. Em comum, a situação deles é essa: pouca instrução, sem dinheiro e com falta de documentos.

De uma certa maneira, atribuir a responsabilidade pelo aumento dos crimes na cidade aos indigentes que Jundiaí ganhou nos últimos meses, é uma visão simplista, mas que tem algum fundamento. Os esmolambos indigentes, que fazem um triste quadro pelas ruas e praças, estão acostumados a defender como um valioso patrimônio os becos sórdidos que arrumam para dormir, o pão velho e o prato de comida pedido nas portas das casas.

Esses mendigos, aparentemente, não são naturais da cidade. Pertencem à classe dos trabalhadores que foram reduzidos a essa condição pela modernização dos processos de produção, como no caso dos agricultores oriundos do Paraná. Em busca de trabalho, passam por Jundiaí, ficando durante alguns dias.



Tanto o delegado Sproesser, como o voluntário do SOS, garantem que o problema é sócio-policial e que os esfarrapados indigentes são responsáveis diretos. Entretanto, há dados que foram esquecidos. Por exemplo, as condições precárias em que vive uma grande parcela da nossa população, também não estariam contribuindo para isso?

(Carlos Kazuo Inoue)

Muitos dos migrantes que passam por Jundiaí acabam morando nos bairros periféricos. Outros perambulam pela cidade, O delegado Sproesser crê que estes são responsáveis pelo aumento dos crimes.

Assim o crime pode acontecer

Para alguns experientes policiais, muitos casos seriam evitados se as pessoas adotassem certas precauções, como estas, por exemplo:

NO ESTACIONAMENTO – Jamais deixe objetos à vista dentro do carro; certifique-se de que o carro está trancado; levante todos os vidros; não deixe documentos no veículo; na volta, antes de se dirigir ao carro, observe, de longe, se não há pessoa suspeita por perto.

NA PRAIA – Se estiver de carro, além daquelas precauções procure estacionar de modo que o veículo fique ao alcance de sua vista; não leve objetos de valor nem muito dinheiro para a areia.

NO CARRO – Dirija com as portas trancadas, inclusive a sua; à noite, em locais escuros, use faróis altos; no caso de perceber pessoas suspeitas, procure auxílio; não dirija com o braço fora do carro; use o relógio no braço direito; as mulheres devem guardar as jóias nas bolsas; ao parar no sinal, mantenha o carro engrenado, pronto para a partida, principalmente à noite; ao chegar em casa e antes de descer para abrir o portão ou esperar por isso, verifique se não há pessoas suspeitas por perto. Se notar, siga em frente e chame a polícia; à noite, evite a aproximação de veículos com mais de dois homens; se puder, dirija acompanhado, isso aumentará sua segurança.

NO ÔNIBUS – Em caso de assalto, procure manter-se calmo; não faça movimentos bruscos e evite encarar os assaltantes; não discuta e nem reaja: o assaltante geralmente age sob tensão.

NO COMÉRCIO – Não demonstre que carrega dinheiro; guarde o dinheiro de modo seguro e discretamente; evite aglomerações; nos locais em que todos se acotovelam, o **punguista** age.